

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS E
GESTÃO EDUCACIONAL

Bibianna Ferrão Cordero

**A POLÍTICA NACIONAL DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA
PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ARTEFATO DIGITAL
COMO POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE E
DA CULTURA DA PESSOA SURDA GAÚCHA**

Santa Maria, RS
2022

Bibianna Ferrão Cordero

**A POLÍTICA NACIONAL DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA
DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ARTEFATO DIGITAL COMO
POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE E DA
CULTURA DA PESSOA SURDA GAÚCHA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Políticas Públicas e Gestão Educacional**.

Orientadora: Profa. Dra. Lorena Inês Peterini Marquezan

Santa Maria, RS
2022

Cordero, Bibianna Ferrão
A POLÍTICA NACIONAL DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA
PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ARTEFATO DIGITAL COMO
POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE E DA
CULTURA DA PESSOA SURDA GAÚCHA / Bibianna Ferrão
Cordero.- 2022.
94 p.; 30 cm

Orientadora: Lorena Inês Peterini Marquezan
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Políticas Públicas e Gestão Educacional, RS, 2022

1. Artefato Digital 2. Educação Inclusiva 3.
Identidade Surda 4. Cultura Surda 5. Educação I.
Marquezan, Lorena Inês Peterini II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, BIBIANNA FERRÃO CORDERO, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Bibianna Ferrão Cordero

**A POLÍTICA NACIONAL DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA
DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ARTEFATO DIGITAL COMO
POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE E DA
CULTURA DA PESSOA SURDA GAÚCHA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Políticas Públicas e Gestão Educacional**.

Aprovada em 09 de dezembro de 2022.

Lorena Inês Peterini Marquezan, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Silvia Maria de Oliveira Pavão, Dra. (UFSM)

Carmen Maria Andrade, Dra. (PUC/RS)

Santa Maria, RS
2022

AGRADECIMENTOS

Primeiro lugar à Deus e a minha Nossa Senhora que estão sempre me protegendo, guiando, atendendo e zelando. Minha fé é inabalável!

Dedico inteiramente à minha mãe: Iara Ferrão. A mulher que sempre acreditou que exemplo era a melhor forma de educar. E, assim, inspiro-me em ti como uma mulher forte e batalhadora, sem desistir jamais... Ser humano lindo e amoroso que és, por vezes me protegendo demais. Mas nunca deixou de torcer, desde "bundas quadradas" esperando-me terminar o ballet e até hoje me dando suporte, apoio e base, orientações e até uns debates sobre fundamentações teóricas. Que orgulho tenho de ti, minha melhor amiga, meu amor. Te amo pra sempre!

Ao meu pai, Marcelo Ferrão. O pai mais babão e empolgado com as minhas ideias e agora com a minha pesquisa. Obrigada pelo apoio na divulgação e muitas ligações para de longe poderem acompanhar e participar. Tu és mil, figura. Te amo!

Agradeço ao meu irmão Marcello, que para dar um último "gás" da reta final, junto com a minha cunhada Camila, presentearam-me com o bebê mais lindo, Marcellinho! Amigos e compadres, Amo vocês!

Agradeço e dedico aos meus sogros: Neide e Gilberto Cordero. Que no meio dessa jornada, receberam-me oficialmente como nora em 2021. Sendo assim, meu sobrenome modificado. E, assim, como honro e orgulho o sobrenome da minha família, farei o mesmo com o de vocês que agora é nosso. E claro... Uma grande família! Principalmente para tentar chegar ao nível da retribuição que ganhei... Presentearam-me com o meu melhor amigo, companheiro e marido e eterno amor... Isso sim é benção! Um marido de um coração tão puro, bom e enorme... Além do cara gigante, não só de estatura, mas do homem grandioso de valores que és. Meu amor, Mauricio Cordero, obrigado pela base e cuidados comigo durante esse tempo. Saiba que quando quiser, estarei feliz em te proporcionar o mesmo, ser teu lado direito e esquerdo, na trilha do teu sucesso profissional (mestrado) e pessoal. Tu és luz, perseverança e generosidade, isso me encanta desde sempre. Te amo muito... Foi reencontro das almas aqui na terra!

Aos meus amores e filhos de 4 patas o Asfalto e o Concreto, que zelaram minhas madrugadas estudando.

Às minhas amigas: *Thank you from the heart*, Fernanda Filter e *gracias de corazón* Caroline Mitidieri. Apoio, carinho e tradução do resumo a qualquer hora.

À minha orientadora, Lorena Marquezan que me recebeu no mestrado de coração aberto, mãezona, me benzendo e puxando a orelha. Gratidão por todo o nosso companheirismo. Com certeza evolui muito, fortalecemos nossos laços e trilhamos uma história linda juntas nesses dois anos... Mora no coração!

Gratidão à Prof. Elisane Rampelotto, que desde a graduação acreditou em mim e me motivou a buscar o sonho do mestrado!

E a minha banca a Silvia, Carmen e Anie. Agradeço o olhar atento, os apontamentos para melhorar o trabalho e o exemplo de mulheres, professoras apaixonadas pelo seu ofício. Minha admiração e carinho por vocês!

Aos futuros leitores da minha dissertação; que vocês sintam o carinho, desejo que tenho pela temática e que ela possa contribuir na expansão do teu conhecimento.

A todos e todas, minha gratidão com todo o carinho!

Serei Luz

Canção de Natiruts

Aonde quer que eu vá
Serei luz (serei luz)
Em cada caminho que passar
Vão saber

Que se não der para adiantar
Te atrasar não vou
Se não der para melhorar
Piorar não vou
Não der pra somar
Vou multiplicar, dividir
Diminuir jamais (jamais)
Jamais

Quero ser luz, caminhar na luz
Seguir os passos e o ensinamentos de Jesus
Não basta ser do bem
Tem que fazer o bem
Abrir os braços, a cabeça, o sorriso, coração
E sem olhar a quem
Sem olhar a quem
Aonde quer que eu vá
Serei luz
Em cada caminho que passar
Vão saber

Que, desde moleque, eu já saquei
Já entendi bem
Que o corre ia ser dobrado para ser alguém
Mas o sonho falou mais alto
E quanto mais alto parecia ser
Mais aumentava a vontade de vencer
E aí, hoje eu 'tô aqui
Cantando minha mensagem de amor e paz
Pra quem quiser sentir
E aí, dá pra sentir
Seja amém (amém), seja axé (axé) ou shalom (shalom)
Não me importa sua cor, credo, gênero, religião
Somos irmãos

Eu aprendi com pai e mãe, e a rua
Que o sol se põe pra contemplar a lua
Vem lá de cima o sinal de respeito
Ergue o braço direito, tem que ser desse jeito

Aonde quer que eu vá
Serei luz
E em cada caminho que passar
Vão saber
Serei luz (serei luz)

Fonte: LyricFind

Compositores: Marcio Vinicius Ferreira Da Conceição / Thiago Andre Barbosa

“Se você conversar com um homem em uma língua que ele entende, alcança sua mente. Se você conversar com ele em “sua” língua, alcança seu coração”.

Nelson Mandela

RESUMO

A POLÍTICA NACIONAL DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ARTEFATO DIGITAL COMO POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE E DA CULTURA DA PESSOA SURDA GAÚCHA

AUTORA: Bibianna Ferrão Cordero
ORIENTADORA: Profa. Dra. Lorena Inês Peterini Marquezan

As Políticas Públicas voltadas a Educação Inclusiva representam um avanço civilizatório quando o assunto é garantia de direitos e cidadania das pessoas com deficiência. O presente estudo tem como tema central as Políticas Públicas Inclusivas e a construção da cultura e da identidade surda. O objetivo principal buscou inovar o processo inclusivo através da produção do artefato digital: *Glossário Gauchesco de Libras*, voltado às especificidades da linguagem gaúcha, possibilitando o desenvolvimento da identidade e da cultura da pessoa surda. Como objetivos específicos: Criação do 1º Fórum Gauchesco de Surdos no Festival de Música Gauchesca “Coxilha Nativista” refletindo sobre as especificidades da linguagem gaúcha para a Libras, facilitando o desenvolvimento da identidade e da cultura da pessoa surda gaúcha; visitar as principais Políticas Públicas voltadas à Educação Inclusiva, fazendo um recorte para área da inclusão de surdos. No caminho metodológico optou-se pela abordagem qualitativa nas contribuições de Minayo (2005) e narrativa autobiográfica de Josso (2010), foi realizado junto aos sujeitos da comunidade surda riograndense. Essa dissertação resultou no produto: <https://www.youtube.com/@forumgauchescodesurdos/featured>. Para percorrer esse caminho, elegeu-se a singularidade conceitual de Vygotsky (1996, 2003), Skliar (1997, 1999, 2005), Gesser (2009), Quadros (1997, 2004, 2006) e as normativas das principais Políticas Públicas voltadas às pessoas com deficiência, educação inclusiva e surdez. Acreditamos que a construção do artefato digital: *Glossário Gauchesco de Libras* pode ser considerado uma prática de inovação para tradução e interpretação de Libras no contexto regional, no estado do Rio Grande do Sul como suporte de apoio de tradução e mediações socioculturais.

Palavras-chave: Artefato Digital. Educação Inclusiva. Identidade Surda. Cultura Surda.

ABSTRACT

THE NATIONAL POLICY FOR SPECIAL EDUCATION FROM THE PERSPECTIVE OF INCLUSIVE EDUCATION: DIGITAL ARTIFACT AS A POSSIBILITY FOR THE DEVELOPMENT OF THE IDENTITY AND CULTURE OF THE DEAF PERSON IN GAÚCHA.

AUTHOR: Bibianna Ferrão Cordero
ADVISOR: Prof. Dra. Lorena Inês Peterini Marquezan

Public policies aimed at inclusive education represent a civilizing advance when it comes to guaranteeing the rights and citizenship of people with disabilities. The present study has as its central theme inclusive public policies and the construction of deaf culture and identity. The main objective sought to innovate the inclusive process through the production of a digital artifact: Glossary Gauchesco in Libras, focused on the specificities of the gaúcho language, enabling the development of the identity and culture of the deaf person. As specific objectives, Creation of the Gaúcho Forum for the Deaf at the Gaúcho Music Festival “Coxilha Nativista” reflecting on the specificities of the Gaúcho language for Libras, facilitating the development of the identity and culture of the Gaúcho deaf person.; Revisit the main Public Policies aimed at Inclusive Education, focusing on the area of inclusion of the deaf. The methodological path was chosen for the qualitative approach in the contributions of Minayo (2005) and autobiographical narrative Josso (2010) was carried out with the subjects of the deaf community of Riograndense. This dissertation resulted in the product: <https://www.youtube.com/@forumgauchescodesurdos/featured>. To follow this path, the conceptual singularity Vygotsky (1996, 2003), Skliar (1997, 1999, 2005), Gesser (2009), Quadros (1997, 2004, 2006) and the regulations of the main Public Policies aimed at people with disabilities, inclusive education and deafness. We believe that the construction of the digital artifact: Glossary Gauchesco in Libras can be considered an innovative practice for the translation and interpretation of Libras in the regional context, in the state of Rio Grande do Sul, as a support for translation and sociocultural mediations.

Key-words: Digital artifact. Inclusive education. Deaf Identity. Deaf Culture.

RESUMEN

LA POLÍTICA NACIONAL DE EDUCACIÓN ESPECIAL DESDE LA PERSPECTIVA DE LA EDUCACIÓN INCLUSIVA: EL ARTEFACTO DIGITAL COMO POSIBILIDAD DE DESARROLLO DE LA IDENTIDAD Y DE LA CULTURA DE LA PERSONA SORDA GAUCHA

AUTOR: Bibianna Ferrão Cordero
ORIENTADOR: Profa. Dra. Lorena Inês Peterini Marquezan

Las Políticas Públicas dirigidas a la Educación Inclusiva representan un avance civilizatorio a la hora de garantizar los derechos y la ciudadanía de las personas con discapacidad. El presente estudio tiene como tema central las Políticas Públicas Inclusivas y la construcción de la cultura y de la identidad sorda. El objetivo principal buscó innovar el proceso inclusivo a través de la producción de un artefacto digital: Glosario Gaucho en Libras, centrado en las especificidades del lenguaje gaucho, posibilitando el desarrollo de la identidad y de la cultura de la persona sorda. Como objetivos específicos, Creación del Foro Gaucho para Sordos en el Festival de Música Gaucha "Coxilha Nativista" reflexionando sobre las especificidades del lenguaje gaucho para Libras, facilitando el desarrollo de la identidad y de la cultura de la persona sorda gaucha.; volver a visitar las principales Políticas Públicas dirigidas a la Educación Inclusiva, haciendo un recorte para el área de inclusión de sordos. El camino metodológico se basó en el abordaje cualitativo en las contribuciones de Minayo (2005) y la narrativa autobiográfica Josso (2010) fue realizada con sujetos de la comunidad sorda de Rio Grande do Sul. Esta disertación resultó en el producto: <https://www.youtube.com/@forumgauchescodesurdos/featured>. Para seguir este camino, se eligió la singularidad conceptual Vygotsky (1996, 2003), Skliar (1997, 1999, 2005), Gesser (2009), Quadros (1997, 2004, 2006) y las normativas de las principales Políticas Públicas dirigidas a las personas con discapacidad, educación inclusiva y sordera. Creemos que la construcción del artefacto digital: Glosario gaucho de Libras puede ser considerada una práctica innovadora para la traducción e interpretación de Libras en el contexto regional, en el estado de Rio Grande do Sul, como soporte de apoyo para la traducción y mediaciones socioculturales.

Palabras clave: Artefacto Digital. Educación Inclusiva. Identidad Sorda. Cultura Sorda.

LISTA DE IMAGENS

| | |
|---|----|
| IMAGEM 1 - APOIO NO FÓRUM..... | 57 |
| IMAGEM 2 - PÚBLICO DO FÓRUM NO FESTIVAL DE MÚSICA GAÚCHA COXILHA NATIVISTA DE CRUZ ALTA/RS. | 58 |
| IMAGEM 3 - PÚBLICO PARTICIPANTE DO 1º FÓRUM GAUCHESCO DE SURDOS. | 58 |
| IMAGEM 4 - REGISTRO DA ÚLTIMA REUNIÃO PARA CONSTRUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS SLIDES. | 60 |
| IMAGEM 5 - LINK DO CONVITE PARA O 1º FÓRUM GAUCHESCO DE SURDOS. | 60 |
| IMAGEM 6 – DIVULGAÇÃO NAS MÍDIAS DIGITAIS- RÁDIO CRUZ ALTA..... | 62 |
| IMAGEM 7 - A IMPRENSA RBS TV COBRINDO O EVENTO: 1º FÓRUM GAUCHESCO DE SURDOS. | 63 |
| IMAGEM 8 – ENTREVISTA DA AUTORA DO TRABALHO PARA RBSTV. | 63 |
| IMAGEM 9 - JORNAL PAMPA NEWS DA UNIVERSIDADE DO PAMPA (UNIPAMPA), APOIANDO E DIVULGANDO O FÓRUM PELAS REDES SOCIAIS DA UNIVERSIDADE. | 64 |
| IMAGEM 10 - GRAVAÇÕES DA RBS TV ANTES DA ABERTURA DO FÓRUM. | 67 |
| IMAGEM 11 – SINAL DE CARRETEIRO. | 70 |
| IMAGEM 12 – SINAL DE MARCELA/MACELA..... | 71 |
| IMAGEM 13 – SINAL DE BOMBACHA. | 72 |
| IMAGEM 14 – SINAL DE SAL GROSSO. | 73 |
| IMAGEM 15 – SINAL DE PRENDA..... | 74 |
| IMAGEM 16 – SINAL DE GALPÃO..... | 75 |
| IMAGEM 17 – SINAL DE LAGARTEAR NO SOL..... | 76 |
| IMAGEM 18 – SINAL DE BAH..... | 77 |
| IMAGEM 19 – SINAL DE CUIA..... | 78 |
| IMAGEM 20 – SINAL DE CHURRASCO CAMPEIRO GAÚCHO. | 79 |
| IMAGEM 21 – SINAL DE COXILHA NATIVISTA..... | 80 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| FIGURA 1 - LOGO DO EVENTO, POR CRISTIAN RAFAEL GRADE DE PAULA. .. | 61 |
| FIGURA 2 - MODELO DA LISTA DE INSCRIÇÃO..... | 61 |
| FIGURA 3 - MODELO DO TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM..... | 62 |
| FIGURA 4 - GLOSSÁRIO GAUCHESCO DE LIBRAS. | 64 |
| FIGURA 5 - DESCRIÇÃO CANAL DO YOUTUBE | 65 |
| FIGURA 6 – CONFIGURAÇÕES DE MÃOS..... | 69 |
| FIGURA 7 - COMENTÁRIOS DOS INSCRITOS NO CANAL. | 82 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| QUADRO 1 - SISTEMATIZAÇÃO DO FÓRUM..... | 56 |
|---|----|

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| TABELA 1 - RELAÇÃO PARTICIPANTES/CIDADES. | 59 |
|--|----|

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| GRÁFICO 1 - COMPOSIÇÃO DO PÚBLICO DO FÓRUM | 54 |
| GRÁFICOS 2 - COMPOSIÇÃO DO FÓRUM EM RELAÇÃO AO PÚBLICO OUVINTE E SURDO..... | 59 |
| GRÁFICO 3 - VISUALIZAÇÕES NO CANAL DO <i>YOUTUBE</i> | 81 |
| GRÁFICO 4 - VISUALIZAÇÕES NO CANAL DO <i>YOUTUBE</i> | 81 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|----------|---|
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| FPS | Funções Psicológicas Superiores |
| IFFar | Instituto Federal Farroupilha |
| IFFar-JC | Instituto Federal Farroupilha Júlio de Castilhos |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira |
| LIBRAS | Língua Brasileira de Sinais |
| LS | Língua de Sinais |
| PCNs | Parâmetros Curriculares Nacionais |
| PNE | Plano Nacional de Educação |
| PNEEPEI | Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva |
| PPG | Programa de Pós-Graduação. |
| PPGP | Políticas Públicas e Gestão Pedagógica |
| TILS | Tradutores-Intérpretes de Língua de Sinais (Libras/Português). |
| UFSM | Universidade Federal de Santa Maria |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. APRESENTAÇÃO | 19 |
| 1.1. OBJETIVOS DE PESQUISA | 26 |
| 1.1.1. Objetivo Geral..... | 26 |
| 1.1.2. Objetivos específicos..... | 26 |
| 2. REFERENCIAL TEÓRICO | 27 |
| 2.1. A LÍNGUA NA FORMAÇÃO HUMANA E INTELECTUAL: A LIBRAS COMO INSTRUMENTO DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DO PERTENCIMENTO À CULTURAL SURDA. | 28 |
| 2.2. A EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA: A TRAJETÓRIA DAS POLÍTICAS INCLUSIVAS EM CONSTRUÇÃO | 41 |
| 3. METODOLOGIA | 52 |
| 3.1. PARTICIPANTES | 53 |
| 3.2. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS..... | 54 |
| 3.3. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DA CRIAÇÃO DO PRODUTO | 62 |
| 3.4. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES | 67 |
| 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO | 68 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 83 |
| REFERÊNCIAS | 85 |
| APÊNDICE A – REQUERIMENTO | 89 |
| APÊNDICE B- LISTA DOS PARTICIPANTES DO FÓRUM | 90 |
| APÊNDICE C- TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ, GESTO E DEPOIMENTO | 91 |
| APÊNDICE D- CERTIFICADO DOS PARTICIPANTES | 93 |
| APÊNDICE E- SLIDES ORGANIZADOS PELOS ORGANIZADORES DO EVENTO: 1º FÓRUM GAUCHESCO DE SURDOS. | 94 |

1. APRESENTAÇÃO

A dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) na linha de Políticas Públicas e Gestão Pedagógica (PPGP) e Contextos Educativos como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Políticas Públicas e Gestão Educacional.

A Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: artefato digital como possibilidade de desenvolvimento da identidade e da cultura da pessoa surda constitui a temática central do presente estudo. Ainda, como temática transversal, discute-se se como a construção de um artefato digital, voltado às peculiaridades da cultura gaúcha, pode ser considerado uma prática de inovação do processo inclusivo da comunidade surda e dos profissionais de tradução e interpretação de Libras no estado do Rio Grande do Sul.

Para percorrer esse caminho, elegeu-se a singularidade conceitual Vygotsky (1996, 2003, 2018), Skliar (1997, 1999, 2013), Gesser (2009), Josso (2010), Marquezan (2015) e Quadros (1997, 2006), sendo que esses autores darão suporte a compreensão da formação e desenvolvimento da linguagem no desenvolvimento humano. Além disso, susterrão a compreensão daquilo que ocupa o “lugar da singularidade da Língua, da cultura e identidade das pessoas surdas” e, por fim, o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais (Libras) respectivamente.

Para compreensão das normativas que deram suporte histórico legislativo as políticas de inclusão das pessoas com deficiência, com recorte para as pessoas surdas, num primeiro momento, apresentam-se a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) (BRASIL, 2008); o Plano Nacional de Educação (PNE) - Lei N° 13.005/2014 (BRASIL, 2014); a Lei que institui a Língua Brasileira de Sinais (Libras) Lei nº. 10.436 de 2002 (BRASIL, 2002). Buscou-se nesses referenciais subsídios teóricos para a compreensão, tanto da perspectiva histórico legislativo, quanto da perspectiva do desenvolvimento humano, como, por exemplo, os aspectos da identidade e pertencimento a uma cultura e, também, os aspectos pedagógicos da pessoa surda no contexto educacional.

A ideia foi pensar algumas práticas de inovação na gestão da aula para qualificar o aprendizado da pessoa surda, tentando articular com a teoria de Vygotsky nas quais propõe mediações socioculturais criativas:

Todo futuro é alcançado pelo homem com a ajuda da imaginação criadora. A orientação para o futuro, o comportamento que se apoia no futuro e dele procede é a função maior da imaginação, tanto quanto a estrutura educativa fundamental do trabalho pedagógico consiste em direcionar o comportamento do escolar, seguindo a linha de sua preparação para o futuro, e o desenvolvimento e o exercício de sua imaginação são uma das principais forças no processo de realização desse objetivo. A criação de uma personalidade criadora, projetada para o futuro, é preparada pela imaginação criadora que está encarnada no presente (VIGOTSKY, 2018 p.122)

Essa perspectiva nasce da realidade na qual está inserida a autora do projeto em tela. Graduada em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Tradutora e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras). O encontro com a Libras aconteceu ainda no espaço de formação acadêmica inicial. Entre escolher e ser escolhida por dialogar e militar pela via da Língua de Sinais (LS) foi percorrido um tempo de construção/desconstrução.

O tempo percorrido assume aqui a proximidade com aquele que foi inspirador do nome da autora da dissertação. Érico Veríssimo (1984), pensava o tempo como possibilidade de mudança e para ele, cada um constrói algo quando os “ventos” da mudança sopram. Nessa linha de “tempo e de ventos” a Libras representou o sentido, o meio e o fim dessa trajetória marcada por significados que representam e justificam de forma singular a chegada ao mestrado.

A caminhada ao final da escolarização formal, mais precisamente no Ensino Médio, foi atravessada por diferentes dificuldades. Diante dessa vivência, havia dois caminhos possíveis para seguir na graduação, fugir desse contexto, ou pertencer a ele, fazendo da experiência vivida, suporte para promover algum tipo de mudança naquilo que, por vezes, causou angústia e sofrimento. A escolha se deu pelo segundo caminho, ou ainda, pela educação voltada aos sujeitos que se apresentam no mundo na condição de ser diferente dos padrões estabelecidos como normalidade.

Dessa forma, a opção escolhida foi o Curso de Educação Especial da UFSM. Ingressando na UFSM através do vestibular do ano de 2013 e em março, daquele ano, iniciaram-se as aulas. Nos primeiros semestres, diante de tantas coisas, tudo era novidade. Nos primeiros dois semestres, as disciplinas eram as básicas e ainda não se sabia quase nada sobre o curso e suas especificidades, principalmente sobre as pessoas surdas, a Libras e a surdez.

No terceiro semestre, então, era apresentada a primeira disciplina de Libras

ministrada pela professora Anie Pereira Goulart Gomes. A referida professora estabeleceu laços e projetou coisas para a autora que ela mesma ainda não conhecia. Esse lugar, que foi projetado, desejado, foi motor de apaixonamento pela Libras e reencontro com a educação. Ele promoveu novos sentidos e as inquietações e o contexto educativo foram agentes de forças pedagógicas, terapêuticas, ainda não experimentadas. A professora indicou que fosse dado continuidade a formação em Libras e sugeriu cursos específicos para tal.

A partir desse momento, o mundo da surdez passa a fazer parte dos desejos e dos investimentos pessoais e profissionais. O caminho estava dado então e o apaixonamento pelo mundo da surdez, como um processo aberto e inacabado, de anseio de conhecer, pesquisar, contribuir com a construção de conhecimentos inovadores, com vistas a inclusão de todos. Assim, decidida pela Educação Especial a busca por novos conhecimentos para a formação profissional se tornou uma atividade fundamental e um motor de vida.

No ano de 2015, a participação como bolsista do Projeto Mãos Livres, coordenado pela Professora Melânia Casarin, representou a possibilidade de continuidade do contato com a comunidade surda, a fluência na LS e a construção de três livros bilíngues, ampliando assim, o conhecimento no âmbito acadêmico e profissional. No ano de 2016, a participação como bolsista do projeto coordenado pela Professora Anie Gomes: Curta Libras representou a possibilidade de trabalho com as mídias e, juntamente, com a TV Campus da UFSM.

Esse projeto de extensão promoveu a não generalização da capacidade da pessoa surda e possibilitou conhecer representantes da comunidade surda. Em 2017, a autora optou por ficar sem bolsa, por ter o compromisso de cursar muitas disciplinas, entre elas, o Estágio Supervisionado na área da Surdez. No segundo semestre deste mesmo ano, a autora passa a atuar voluntariamente no projeto: Grupo Mãos Bilíngues, coordenado pela professora Elisane Rampelotto, a qual foi sua orientadora de estágio e do TCC.

O projeto e grupo de estudos oportunizou a realização de estágio dinâmico e representou a primeira experiência no ensino colaborativo, que fez despertar para a temática do Trabalho de Conclusão de Curso – *Músicas infantis como instrumento facilitador para o aprendizado da Libras por crianças ouvintes*. Em 2018, é selecionada para ser bolsista deste projeto, possibilitando alcançar mais conhecimento, ter a prática da língua de sinais semanalmente e, em consequência, a pesquisa construída

para o TCC.

As vivências na formação acadêmica a experiência profissional como intérprete de Libras, mobilizou o desejo de escrever esse projeto na área da Educação dos surdos, uma vez que, foi com sujeitos surdos que foi sedimentada a decisão pelo curso de Educação Especial. Entre escolher e ter sido escolhida pelo curso, foi construído um laço de afeto e compromisso com a temática.

A escolha por seguir estudando e fazer uma pós-graduação em nível de mestrado também acontece nesse lugar. A decisão por qual professor seria o guia dessa caminhada foi atravessada e sedimentada no lugar do afeto. A Professora escolhida foi aquela que marcou a graduação quando ministrou a disciplina de Psicologia da Educação, Lorena Marquezan.

O sentimento de pertencimento, de valorização da fala, da história e principalmente das dificuldades vividas, organizou um laço que foi fundamental, tanto por continuar na academia, quanto por saber que nesse encontro aconteceria responsabilidade mútua pela construção de mais um nível de estudo, de conhecimento e de estreitamento de relações positivas e saudáveis.

Outras justificativas importantes que resultaram na chegada à pós-graduação foi com relação a vivência no espaço laboral. A experiência profissional desvelou o encontro com algumas barreiras nesse campo de atuação o que despertou o desejo da volta à academia para produzir alguns sentidos sobre essas dificuldades. Sobre isso, Marquezan (2015) relata que a complexidade da trajetória profissional em diferentes níveis de ensino é um complexo processo no qual se ensina e aprende ao longo do processo autoformativo. Para a autora, esses processos, sempre inacabados, representam uma genuína possibilidade de resgatar-se por dentro da profissão e de (res)significações ao aprendizado de si.

Uma atuação significativa na área da Surdez foi no Instituto Federal Farroupilha, campus Júlio de Castilhos-RS (IFFar-JC), instituição que a autora do trabalho exerceu suas funções laborais, ofereceu a modalidade de Ensino Médio Profissionalizante, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Ensino Superior. A Lei Brasileira de Inclusão (LBI Lei 13.146/2015) também chamada de Estatuto da Pessoa com Deficiência, assegura o direito à Educação em todos os níveis de ensino (BRASIL, 2015). Inicialmente, o IFFar teve público de alunos surdos nas diferentes modalidades de ensino.

O IFFar-JC contava apenas com uma aluna surda, no Ensino Médio

Profissionalizante, que era atendida por duas tradutoras intérpretes, uma delas é a autora desse trabalho. Uma das dificuldades do trabalho das intérpretes, nesse e nos demais contextos pedagógicos e de comunicação, é a falta de referencial teórico e prático que contemple as peculiaridades da cultura gaúcha. As regionalidades não são contempladas na Libras, que utiliza um referencial nacional. Alguns sinais regionais são desenvolvidos e aplicados em seus contextos, porém não existe na Cultura Surda um dispositivo reconhecido para socializar termos importantes que permeiam nosso cotidiano do gaúcho brasileiro.

Para Vygotsky (1996), a linguagem faz parte do desenvolvimento da pessoa e ocupa um lugar central na formação das “Funções Psicológicas Superiores” (FPS). O referido autor compreende que as FPS, como memória, consciência, percepção, atenção, fala, pensamento, vontade, formação de conceitos e emoção, intercambiam-se nesta rede de nexos ou relações e formam, assim, um sistema psicológico, em que as funções se relacionam entre si.

Dessa forma, o autor acredita que o desenvolvimento da linguagem tem papel importante na formação do pensamento e ainda do caráter do indivíduo. Outro fator importante para Vygotsky (2003), é que todas as atividades básicas do sujeito são atravessadas por sua história social. Segundo o mesmo autor, elas derivam naquilo que ele considerava o produto do desenvolvimento histórico-social da comunidade a qual ele pertence.

Diante disso, situa-se a falta de representação daquilo que é da ordem da singularidade da cultura dos alunos atendidos pelo IFFar-JC. O instituto carrega em sua própria nomenclatura reflexos da cultura gaúcha, ou seja, o termo “Farroupilha”. Entre os intérpretes da própria instituição, não há unanimidade ao reproduzir o sinal de Instituto Federal Farroupilha, por exemplo. Cada um dos profissionais tem conhecimento de um sinal diferente para a mesma instituição. Diversas vezes os alunos desejam expressar um termo da cultura gaúcha e esbarram na falta de referencial para reproduzi-lo. Assim, não são raras as vezes que esse termo é trocado por um de cunho nacional. Esse fato acaba criando uma barreira para que o surdo tenha direito à comunicação de cunho regional e cultural de seu tempo e de sua época.

No Brasil, de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Ministério da Saúde (MS), em 2019, segundo a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), a população do país com 2 anos ou mais de idade, 3,4% (ou 6,978 milhões) tinham deficiência visual; 1,1% (ou 2,3 milhões) tinham deficiência auditiva e 1,2% (ou 2,5

milhões) tinham deficiência mental. Entre as pessoas de 5 a 40 anos de idade que tinham deficiência auditiva, apenas 22,4% conheciam a Língua Brasileira de Sinais (IBGE, 2020). Isso deixa claro o quanto é necessário avançar no ensino e desenvolvimento da Libras.

Com relação ao cenário da escolarização formal de pessoas com deficiência, teve-se um crescimento na inclusão dos mesmos na escola. O dado do Censo Escolar da Educação Básica de 2017, revela que a inclusão de alunos com deficiência aumentou de 85,5% em 2013 para 90,9% em 2017 (BRASIL, 2019).

Os dados referentes às matrículas de alunos com deficiência aumentaram de 751.065 em 2016 para 827.243 em 2017. Apesar desses aumentos estatísticos na presença do aluno com deficiência nos espaços escolares, ainda, pode-se dizer que apenas 40% deles ocupam os espaços formativos da escola (BRASIL, 2019).

O Censo Escolar, na Educação Especial, de 2020/21, revela que o número de matrículas da Educação Especial chegou a 1,3 milhão em 2020, um aumento de 34,7% em relação a 2016. O maior número delas está no Ensino Fundamental, que concentra 69,6% das matrículas da Educação Especial. Quando avaliado o aumento no número de matrículas entre 2016 e 2020, percebe-se que as de Educação Profissional concomitante/subsequente são as que mais cresceram, um acréscimo de 114,1% (BRASIL, 2021).

Com relação a matrículas de alunos incluídos em classes comuns, o aumento foi gradativo ao longo dos anos. Se em 2016, o percentual de alunos incluídos era de 89,5%, em 2020, passou para 93,3%. Esse crescimento foi influenciado especialmente pelo aumento no percentual de alunos incluídos em classes comuns sem acesso às turmas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), que passou de 50,2% em 2016 para 55,8% em 2020 (BRASIL, 2021).

Os dados apresentados reiteram a pertinência desse estudo. Ao ocupar os espaços formativos de educação formal, as pessoas com deficiência precisam encontrar amparo para sua especificidade na forma de aprender o mundo. O surdo precisa conhecer e pertencer a sua própria cultura, porém, além disso, é necessário compreendê-lo em seu contexto, mais amplo das regionalidades que o constituem sujeitos gaúchos.

Foi realizado uma busca nas bases de dados do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para construir o Estado do Conhecimento sobre a temática da dissertação em tela. O termo

utilizado na busca foi “Dicionário Gauchesco de Libras” e as publicações foram limitadas aos últimos cinco anos. O resultado revelou que não houve nenhuma dissertação ou tese com essa temática apresentada nesse período.

A busca foi repetida usando o termo “Dicionário de Libras” nos últimos cinco anos e foram encontrados cinco trabalhos, sendo dois de mestrado, dois de mestrado profissional e um de doutorado. Diante dos resultados encontrados, foi possível perceber que não haviam trabalhos publicados na base de dados da CAPES que corroborasse com a intencionalidade desse estudo. Diante disso, justifica-se a realização dessa pesquisa e revela-se o ineditismo da mesma.

O panorama colaborou para justificar a proposta dessa investigação. Outros aspectos de ordem pessoal, como o afeto da autora para temática da surdez, complementam a justificativa dessa proposta. Esse afeto pode ser percebido durante o tempo de formação inicial e continuada, bem como na atuação profissional. O conhecimento sobre a importância do pertencimento e da identidade na Cultura Surda assume um lugar de extrema importância na trajetória da autora. Diante disso, compreender como esses aspectos se constituíram e se organizaram na presença da surdez, foi uma das proposições desse trabalho.

A condição de surdez segundo Sacks (1998), pode se apresentar para além de uma deficiência sensorial, uma vez que, ela pode reverberar em consequências sociais quando os sujeitos surdos não recebem possibilidades para se comunicar e pertencer a uma cultura. Assim, ela assume também uma consequência de ordem social e na relação com o outro. Consoante a isso, Sacks (1998) acredita que essa condição é bem mais complexa porque representa um modo singular de se colocar no mundo, a linguagem, as crenças, os valores, os costumes, entre outros, que juntos constituem a Cultura Surda. O desenvolvimento da linguagem nos diferencia dos demais animais e segundo Vygotsky (2003) é a principal forma de expressão de pensamentos e o instrumento psicológico essencial à constituição das funções psicológicas superiores. Dessa forma, um importante recurso no processo de construção identitária que também é um conceito muito caro a esse trabalho.

Com relação a Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva, bem como, sobre a Libras e a educação de surdos, constituem-se importantes ações capazes de promover a transformação do lugar dos sujeitos surdos, historicamente estigmatizados. Ainda, pode significar uma possibilidade de efetivação de Políticas Públicas que, por vezes, ainda não são letra viva nos contextos para quais elas se

destinam.

Assim, esse estudo revisita as políticas destinadas à Educação Especial, mais precisamente as voltadas aos sujeitos surdos e se propõe a oferecer “uma” entre tantas possibilidades de qualificar o contexto educacional dos atores que trabalham com a temática da surdez. A intenção de construir um artefato (*Glossário Gauchesco de Libras*) que aproxime os surdos da cultura e do território no qual estão inseridos é uma das temáticas centrais do referido trabalho. Vem deste lugar a inquietação que se busca responder através do problema de pesquisa: *É possível construirmos artefato digital: Glossário Gauchesco de Libras com a participação da comunidade surda no evento cultural da “Coxilha Nativista”, na cidade de Cruz Alta/ RS?*

1.1. OBJETIVOS DE PESQUISA

1.1.1. **Objetivo Geral**

Produzir um artefato digital: *Glossário Gauchesco de Libras* com a participação da comunidade surda, no evento cultural da “Coxilha Nativista”, na cidade de Cruz Alta/ RS.

1.1.2. **Objetivos específicos**

- Revisitar as principais Políticas Públicas voltadas à Educação Inclusiva, fazendo um recorte para área da inclusão de surdos;
- Criação do *1º Fórum Gauchesco de Surdos* no Festival de Música Gauchesca “Coxilha Nativista” refletindo sobre as especificidades da linguagem gaúcha para a Libras, facilitando o desenvolvimento da identidade e da cultura da pessoa surda gaúcha;
- Explicitar a importância das diferenças das linguagens nacionais e regionais dos surdos;
- Produzir um artefato digital (canal na plataforma do *YouTube* intitulado *1º Fórum Gauchesco de Surdos*) que possa servir como prática de inovação para a gestão da aula dos tradutores intérpretes, levando em consideração a multiplicidade cultural da regional do Rio Grande do Sul.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

É muito natural. Alguns ouvem com mais prazer com os olhos do que com os ouvidos. Eu ouço com os olhos. (GERTRUDE STEIN, 1969. Surda Alemã).

Para dar conta dos objetivos, bem como, apresentar possíveis contribuições ao Programa de Pós-Graduação (PPG) no qual está inserido, esse trabalho previu a compreensão de dois grandes blocos de fundamentos teóricos. O primeiro deles, ocupou-se em discorrer sobre a Língua como formação humana e intelectual e a Libras como instrumento da identidade e pertencimento à Cultura Surda. Os principais autores escolhidos para produzir sentidos à essas temáticas foram Vygotsky (1996, 2003); Stokoe (1980); Skliar (1997, 2005); Gesser (2009) e Quadros (1997, 2006) entre outros.

O segundo bloco de fundamentos teóricos apresenta as Legislações pertinentes à Educação na Perspectiva Inclusiva fazendo um recorte teórico/metodológico para os aspectos que contemplem Políticas Públicas destinadas às pessoas surdas. Dentre as Políticas Públicas a serem apresentadas, destaca-se a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) (BRASIL, 2008), o Plano Nacional de Educação (PNE) - LEI Nº 13.005/2014 (BRASIL, 2014) e a Lei que institui a Língua Brasileira de Sinais (Libras) oficializada pelo Lei nº. 10.436 de 2002 (BRASIL, 2002).

No Brasil, diferentes normativas vem sendo construídas para garantia de direito das pessoas com deficiência. Quando o assunto é Educação Especial inclusiva não é diferente, uma vez que, vem sendo construídas Políticas Públicas que atuem como promotoras de uma educação de qualidade para todos os alunos no mesmo espaço formativo.

Essas políticas vêm promovendo a transformação da visão da Educação Especial no sistema de ensino brasileiro, uma vez que, permite que os alunos com deficiência possam ter mais acesso e permanência nas turmas de ensino regular com independência e autonomia.

2.1. A LÍNGUA NA FORMAÇÃO HUMANA E INTELECTUAL: A LIBRAS COMO INSTRUMENTO DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DO PERTENCIMENTO À CULTURAL SURDA.

Para Vygotsky (1996) é por meio da aquisição de uma Língua que os sujeitos desenvolvem as percepções temporais de presente, passado e futuro e a capacidade de criar, imaginar e recuperar coisas que ocorreram no passado. Assim, ele constrói sua inteligência e um pensamento de natureza simbólica que pode ser expresso por meio da Língua (VYGOTSKY, 1996).

Ainda, de acordo com Vygotsky (2001), uma característica essencial do aprendizado é que ele desperta vários processos de desenvolvimento internamente, os quais funcionam apenas quando a criança interage em seu ambiente de convívio. Portanto, no caso de aprendizado de Línguas, a autenticidade do ambiente e o grau de afinidade entre seus integrantes são elementos essenciais para que o aprendiz se sinta parte desse ambiente, características que dificilmente predominam em salas de aula convencionais.

Vygotsky (1996) vai dizer que as condições internas e externas do estudo de um idioma estrangeiro/segunda Língua possibilitam um novo fator de desenvolvimento. Para o autor, a capacidade do ser humano de interagir nos diferentes contextos culturais e históricos, surge a partir da interação que contribui na formação de conhecimentos. Para ele, o psiquismo humano é desenvolvido histórico e socialmente por meio da apropriação da cultura.

Para Vygotsky (1996), a criança nasce com funções psicológicas elementares e com a inserção do sujeito na cultura e diante das experiências vivenciadas por ele, essas funções vão adquirindo o status de funções psicológicas superiores, que são representadas no comportamento consciente, a ação proposital, capacidade de planejamento e pensamento abstrato.

Assim, a formação das funções psicológicas superiores, preceito tão caro a teoria vygotskyana, representa o processo de internalização de formas de condutas elaboradas na história social, instituindo-se, antes de tudo, como a história singular do desenvolvimento humano. Para o autor, a educação escolar é um processo que pode contribuir para a formação das funções psicológicas superiores.

A linguagem, uma função psicológica para Vygotsky, é desenvolvida na criança ouvinte e surda da mesma forma, mesmo que cada uma por uma via diferente. Porém ambas acontecem na relação com o outro. Historicamente, o percurso da

educação para o desenvolvimento da linguagem na criança surda passou por longos períodos de lutas pela garantia dos direitos das pessoas surdas. Nessa trajetória, a capacidade de se expressar e de comunicar da criança surda transitou pelo oralismo, comunicação total e até bilinguismo.

Para entrar no território linguístico de pessoas surdas, Gomes (2020) afirma que é sempre necessário o atravessamento das questões culturais. Segundo a autora:

[...] ao compreender as questões de cultura, a carga linguística emerge como potente para pensar na relação da identificação linguística com os processos de identidade, que no caso de pessoas surdas se dá em comunidade. Essa relação acontece de forma assimétrica e as verdades instituídas pela comunidade trazem noções consensuais sobre uma gama de questões inerentes à vida do sujeito (GOMES, 2020, p. 132).

Quando se refere à surdez e a pessoa surda, torna-se importante marcar as concepções teóricas que sustentam esse lugar no trabalho. De acordo com Souza (2014), surda é a pessoa que tem perda total ou parcial da audição e percebe o mundo através das vivências visuais, além de utilizar a LS para comunicação, no entanto, necessita da Língua Portuguesa como modalidade escrita no intuito de poder exercer diversas funções como cidadãos.

Na concepção de Gesser (2009), o termo “surdo” dá conta da dimensão política, linguística, sociocultural que envolve a surdez; por isso, os surdos o preferem em detrimento dos termos “deficientes auditivos” e “surdos-mudos” que são carregados de preconceitos. Já Moura (2000), utiliza o termo Surdo com letra maiúscula e, segundo ela, o termo se refere não a uma condição de deficiência, mas à possibilidade de pertencer a um grupo com cultura e características próprias. A autora ainda faz referência ao uso do termo Surdo com letra maiúscula que representa a diferença entre os termos “deficiente auditivo” e “surdo” que caracteriza o sujeito pela sua deficiência.

Atualmente, compreende-se que as pessoas surdas devam pertencer a uma comunidade própria e com a sua forma de linguagem. Nessa perspectiva, a compreensão de que as crianças surdas vão desenvolver a linguagem, tal qual, as ouvintes são de extrema importância. Porém a linguagem que se apresenta é em forma de sinais, meio pelo qual se comunicam e se desenvolvem psicologicamente. Por fim, é importante ressaltar que foi somente a partir da década de 80 que se iniciou o reconhecimento do valor da cultura e da linguagem surda para o desenvolvimento dos

surdos (QUADROS, 2004).

Para Vygotsky (1997), se na criança ouvinte a linguagem começa pelos comportamentos naturais como balbucios, mímica e gestos que se resultam na base da formação linguística, na criança surda o balbucio também ocorre, uma vez que, esse fenômeno é uma capacidade inata, manifestada por sons e por gestos.

Dessa forma, segundo Quadros (1997), os bebês apresentam o balbucio oral e manual até um período, então, os bebês surdos até um determinado período balbuciam oralmente, do mesmo modo os bebês ouvintes, até um período utilizam as produções manuais e depois são interrompidas, já que, o *input* em um determinado momento privilegia um modo de balbuciar.

Para a autora, os bebês surdos apresentam duas formas de balbucio, o silábico e a gesticulação. Sendo que o balbucio silábico é composto por combinações que fazem parte do sistema fonético das Línguas de Sinais. Já a gesticulação não apresenta nenhuma organização do mundo interno da criança.

A aquisição da linguagem de sinais na criança surda, para Quadros (1997), acontece em quatro estágios distintos, a saber, o Período Pré- Linguístico, Estágio de Uma Palavra, Estágio das Primeiras Combinações e Estágio das Múltiplas Palavras. O Período Pré-Linguístico representa o estágio acima citado, ou seja, o Estágio do Balbucio.

O segundo período denominado Estágio de um Sinal, para a autora (1997), inicia por volta de 12 meses na criança surda e vai até por volta dos 2 anos, ele inicia mais ou menos aos 6 meses na criança surda que tem pais surdos. Nesse estágio, a criança utiliza uma linguagem não verbal para comunicar suas necessidades e expressar suas reações. Ela imita sinais produzidos pelos outros e realiza movimentos e configuração de mãos imperfeitos.

Por volta dos dois anos, ainda segundo a pesquisadora (1997), inicia o Estágio das Primeiras Combinações, no qual a criança utiliza em suas combinações a ordem sujeito-verbo, verbo-objeto ou sujeito-verbo-objeto. O Estágio das Primeiras Combinações é caracterizado com o surgimento de enunciados formados por dois sinais. De acordo com Quadros (1997), há uma limitação no que diz respeito às ligações lexicais e fonologias, além de não ocorrer a flexão de alguns verbos. Diante disso, a autora entende que as crianças surdas utilizam duas estratégias para marcarem as relações gramaticais, são elas: a incorporação dos indicadores e a ordem das palavras.

Outra característica desse estágio é que a criança surda começa a utilizar o sistema pronominal, ainda que de maneira inconsistente. Para Quadros (1997), as crianças surdas nesse período, apontam para o interlocutor quando estão referindo-se a si mesmas, assim, pode-se perceber que a compreensão de pronomes nessa fase não é tão clara, tal qual acontece com a criança ouvinte.

O período seguinte chamado de Estágios das Múltiplas Combinações, de acordo com a autora (1997), acontece por volta dos dois anos e meio à três anos. Para a pesquisadora, nesse estágio acontece a *explosão de seu vocabulário* semelhante as crianças ouvintes. Ainda, inicia para a criança surda o processo de distinções derivacionais, de expansão do vocabulário e da formação dos pronomes para indicar as pessoas e os objetos, mesmo aqueles que não estejam presentes fisicamente.

No final desses estágios, ou ainda, por volta dos quatro anos de idade, Quadros (1997), acredita que a criança já consegue usar configurações das mãos mais complexas. Diante disso, ela consegue construir novas palavras combinando significados menores. Além disso, consegue produzir sentidos mais complexos as suas mensagens usando expressões faciais, direcionamento dos olhos e posicionamento do corpo.

Apoiado à autora (1997), por volta de cinco anos e meio, a criança surda já consegue adquirir a língua de sinais fazendo uso correto da concordância verbal. Inclusive, usa configurações de mãos complexas e expressa movimentos incorporados aos sinais de forma estruturada. Também, elabora palavras novas, sentenças complexas e faz uso corporal quando relata a mensagem.

Por fim, compreende-se que a linguagem verbal pode ser expressa pelas vias oral, escrita e gestual. A língua de sinais utiliza os meios visual e espacial para comunicação. Dessa forma, a comunicação é utilizada para construir relações com outros surdos, compartilhando desejos, visões, acontecimentos, entre outros. Nesse encontro, também é construído a noção de comunidade, de comum entre eles. Quadros (1997) vai dizer que a Libras é fundamental para o desenvolvimento do surdo para se tornar humanizado.

De acordo com Vygotsky (2001), uma característica essencial do aprendizado é que ele desperta vários processos de desenvolvimento internamente, os quais funcionam apenas quando a criança interage em seu ambiente de convívio. Portanto, no caso de aprendizado de Línguas, a autenticidade do ambiente e o grau de afinidade

entre seus integrantes são elementos essenciais para que o aprendiz se sinta parte desse ambiente, características que dificilmente predominam em salas de aula convencionais.

Do ponto de vista histórico, o linguista americano William Stokoe, representou pela primeira vez, em 1961, a estrutura de uma Língua visual manual - da LS. Para Stokoe (1980), a LS entende-se como um sistema linguístico usado para a comunicação entre pessoas surdas e adquirido como primeiro idioma por pessoas que não podem ouvir nenhuma Língua falada e por filhos de pais surdos.

A Libras na concepção de Quadros (1997) é uma Língua espacial visual que utiliza a visão para captar os movimentos executados principalmente pelas mãos para transmiti-la. Dessa forma, para a autora, a Libras se utiliza de canal gestual-visual, enquanto as Línguas orais se utilizam de um canal oral-auditivo. Considera a Libras como uma forma de linguagem rica e completa, que apesar de coexistir com as Línguas orais são independentes e possuem estrutura própria, que constitui uma identidade surda e que permite ao surdo o pertencimento a uma cultura com a singularidade e subjetividade preservadas.

Sobre a Língua de Sinais, Skliar (1999) a considera um elemento identificatório dos surdos que permite suas interações cotidianas e facilita o processo de comunicação entre pares. O autor, acima citado, relata que a surdez está associada com a deficiência, porém ele acredita que ela deva ser "uma diferença a ser politicamente reconhecida" (SKLIAR, 1999, p. 97).

Para o autor (1998), o surdo historicamente sofre opressão e para representá-lo ele cunhou o termo chamado "ouvintismo". Segundo ele, o termo representa uma analogia ao colonialismo sobre os surdos, que é vítima das representações dos ouvintes, na qual o surdo é convocado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte, o que denota uma interpretação sobre a ideologia dominante (SKLIAR, 1998).

Diante dessa perspectiva, o referido autor afirma que os colonizadores percebem os surdos como sujeitos "linguisticamente pobres, intelectualmente primitivos e concretos, socialmente isolados e psicologicamente imaturos e agressivos" (1998, p. 115). Do ponto de vista educacional, há uma conformidade com esse contexto de exclusão, uma vez que, a pedagogia tradicional supervaloriza o recurso da voz e promove a diferença daqueles que apresentam identidade e cultura diferentes dos ouvintes. Nesse sentido, Skliar (2013) entende que isso acontece porque a escola e a sociedade tendem a reproduzir um contexto social e escolar a

partir do olhar do ouvinte.

Partindo dessa concepção, percebe-se que há uma desconsideração daquilo que constitui a identidade e a Cultura Surda. Para Skliar (1998), a leitura do conceito de Cultura Surda deve ser feita a partir de uma concepção multicultural, uma vez que, ela pressupõe a historicidade nos processos e produções que compõem as ações que constroem a identidade.

De acordo com o autor (1998), a Cultura Surda da mesma forma que a ouvinte, é determinada por um grupo de pessoas pertencentes a um tempo e espaço que vivenciam processos culturais específicos e refletem sobre os mesmos. Desse jeito, é através da cultura que se forma uma comunidade e é no pertencimento a ela, que se fortalece a identidade da pessoa.

Quando o surdo não pertence a uma comunidade ouvinte porque não consegue comunicar-se e não pertence a sua comunidade surda por falta da LS, Skliar (1998) nomeia esse processo de “identidade flutuante”. Para o autor, esse sujeito surdo acaba construindo sua identidade de forma fragmentada e sem o seu elemento integrador que é a LS. Por mais que o sujeito transite entre as culturas, a surda e a ouvinte, a sua identidade é construída de forma diferente, uma vez que, o mesmo necessita de recursos visuais. Assim, para que o surdo não constitua a sua identidade de forma fragmentada, ele precisa do universo cultural e linguístico da pessoa surda como fator de construção da identidade.

A capacidade de linguagem, pensamento, comunicação e cultura, segundo Sacks (1998), para além de comporem funções biológicas, também compõem aquilo que é da ordem social e histórica. Assim, elas não se desenvolvem de forma automática e são passadas de forma geracional.

A pessoa surda, da mesma forma que a ouvinte, desenvolve-se dentro de um espaço social. Desta maneira, ela pode se identificar ou sentir-se excluída nesse espaço. O espaço social dominante, que denominamos cultura ouvinte, cria historicamente um estereótipo de deficiência ou incapacidade para o sujeito surdo. Diante disso, ele precisa pertencer a uma comunidade em que possa se identificar com a sua singularidade e a sua forma de estar no mundo seja respeitada. Com isso, o surdo pode se constituir dentro de uma comunidade na qual se sinta representado e possa se identificar ao invés de ser excluído.

A comunidade surda apresenta uma complexidade de relações e atravessamentos sociais, no qual a LS é garantidora da comunicação efetiva e

significativa. Para Strobel (2015), as comunidades surdas são preenchidas e permeadas por regras, crenças, concepções, valores e comportamentos peculiares da Cultura Surda. As experiências visuais e linguísticas são elementos importantes dessa cultura. Esses componentes pertencem a uma comunidade linguística minoritária, assim a LS é elemento da cultura visual-motora, que é pertinente a comunidade surda.

Pertencer a uma comunidade surda também pressupõe o conhecimento cultural, as expressões artísticas da literatura, da poesia, os contos, as lendas regionais, entre outras manifestações culturais e artísticas. São nas comunidades que esses conhecimentos encontram lugar na construção identitária das pessoas.

O conceito de identidade para Vygotsky (1996) é atravessado pela psicologia histórico-cultural, ou seja, trata-se do processo no qual a expressão acontece no plano intra e intersubjetivo, onde ambos são constitutivos e dialeticamente articulados. Dessa forma, o processo de construção da identidade é um fenômeno dinâmico e social, que ocorre nas relações e abrangem as experiências sociais, as formas de comunicação, o pertencimento a um grupo. Diante disso, a linguagem assume uma condição importante na constituição do sujeito, não apenas como forma de comunicação, mas também como forma de pertencimento a um grupo social naquilo que Vygotsky (1996) afirma que constitui o sujeito e a forma como ele percebe o mundo em volta e a si próprio.

O conceito de identidade cultural para Perlin (1998, p. 53), “é um conjunto de características que definem um grupo e que incidem na construção do sujeito, sejam elas as que identificam ou as que excluem”. Assim, o surdo constitui a sua identidade dentro de um espaço social. Porém esse espaço possui como característica dominante a cultura ouvinte e por não se reconhecer nela, por vezes, assume um estereótipo de incapacidade e de deficiência quando deveria assumir o protagonismo na sua diferença.

Pertencer a um lugar social, a uma cultura diferente da hegemonicamente auditiva, proporciona condições distintas para a constituição da subjetividade e identidade da pessoa surda e produtora de um elo social. Para Sklair, o movimento surdo é importante para compreensão das forças que mantêm a cultura dominante ouvinte. Assim ele tem como objetivo:

[...] rever as forças subjacentes nos estereótipos encontrados nas diversas instituições sociais, bem como, interpretações de surdos ou ouvintes isolados

não constantes da cultura surda; questionar a natureza ideológica de suas experiências, ajudar os surdos a descobrirem interconexões entre a comunidade cultural e o contexto social em geral; em suma, engajar-se na dialética do sujeito surdo (SKLIAR, 2011.p.70).

É preciso ficar atento aos perigos de se articular essa cultura universal como dicotômica. Deve-se romper com as dicotomias de “Mundo surdo x Mundo ouvinte, Libras x Língua Portuguesa, Escrita de Sinais x Escrita da Língua oral, Escola regular x Escola de surdos, Identidade surda x Identidade ouvinte” (GOMES, 2020, p. 39). A autora acredita que essas posições binárias podem cessar a existência de outras possibilidades do sujeito surdo de ser, uma vez que, elas reforçam e produzem desejos, formas de consumo nos processos educacionais e de vida.

Os movimentos sociais de pessoas surdas e demais lutas históricas podem ser uma saída para a construção da identidade do sujeito surdo, para além desse binarismo estabelecido. Os resultados desses movimentos vêm construindo importantes ações, que fortalecem tanto a cultura quanto a identidade surda. No âmbito educacional da educação inclusiva, a LS, entre outros, são exemplos disso. Esse trabalho se propõe a contribuir com pertencimento da pessoa surda a sua cultura regional, uma vez que, pretende construir uma ferramenta que possibilitará pertencimento aos sujeitos surdos ao conhecimento cultural de sua regionalidade.

Para Morin (2000), uma das missões da escola é não se restringir a transmissão do mero saber, mas transmitir a cultura que permita compreender a nossa condição no mundo, que isso favoreça a nossa vida e nossas formas de pensar. Diante disso, acredita que há a necessidade de reformarmos o nosso pensamento e, sendo assim, reformar a educação. Segundo Morin (2000) a reforma do pensamento tem potencial de força regeneradora e implica uma revolução mental.

Outra autora que ajuda a (re)pensar sobre a identidade, Cultura Surda e principalmente sobre algumas crenças sobre a surdez e as pessoas surdas é Gesser (2009). Para ela, existe uma necessidade da comunidade surda se expressar que vai muito além da compreensão de uma Língua, mas a compreensão de uma cultura e de uma identidade que precisa encontrar no ouvinte um lugar para que ele possa se manifestar e ser compreendido por todos.

Para Gesser (2009), na concepção dos ouvintes, o surdo é incapaz de se opinar e tomar decisões sobre seus próprios assuntos. A Libras, para a autora, tem papel de extrema importância no convívio social entre ouvintes e surdos, pois promove

no encontro das diferenças um canal de comunicação. Por fim, ela percebe a “língua de sinais como natural, pois evolui como parte de um grupo cultural do povo surdo” (2009, p.12).

Como Política Pública, a Libras foi oficializada pelo Decreto Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Essa normativa dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências, define no seu artigo 1º que:” O sistema linguístico é de natureza visual-motora e com estrutura gramatical própria, representa um sistema linguístico de conduzir ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002, s.p).

Atualmente é a Língua utilizada pelos surdos no Brasil. A Libras constitui-se por ser um idioma formado por níveis linguísticos diferentes de sintaxe, semântica, morfologia entre outros. A diferença está, principalmente, na modalidade de articulação, que é viso-espacial.

É uma Língua que compreende estruturas gramaticais particulares e de formas gestuais utilizadas por deficientes auditivos ou surdos para a comunicação entre eles e as pessoas que têm a condição de ouvir. É entendida como um modo de expressão e comunicação entre os seres humanos. A LS no Brasil, tem sua origem na francesa e não é considerada uma Língua universal como ainda muitas pessoas pensam.

Este idioma, como qualquer outro, possui elementos e características como sotaques, gírias em todo o país, tendo suas diferenças e peculiaridades. Nesse sentido, também é importante mencionar que a Libras não é uma versão sinalizada da Língua oral (Português). Ela tem a sua própria escrita chamada de *signwriting*, apresenta sua própria estrutura, como qualquer outra Língua falada. As expressões e parâmetros não manuais também fazem parte da característica das LS.

Com a legalização da Libras, como a Língua oficial dos surdos brasileiros, ela passa a ser considerada também um dos idiomas em nosso país. A LS é reconhecida como um meio legal de comunicação e expressão. Deve ser garantido, por parte do Poder Público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Libras, como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Desta forma, o conhecimento da Libras por ouvintes, como meio de aprendizado para interação entre surdos e ouvintes, é de fundamental importância. Ao ser ensinada na escola, a Libras apresenta o status de segunda Língua para os

ouvintes e a Língua nativa para os surdos, e torna-se não apenas meio de comunicação, mas saber científico” (MARQUES; BARROCO; SILVA, 2013, p. 515).

De acordo com Santana e Bergamo (2005) os surdos foram historicamente estigmatizados, considerados de menor valor social. Para os autores, essa desvalorização do sujeito surdo se dá porque lhes falta a linguagem oral, que é uma característica eminentemente humana. Porém a linguagem das pessoas surdas não está sustentada em palavras, letras, fonemas e sons, mas em sinais imagéticos, que são os signos linguísticos para pessoa surda, da mesma forma que as palavras são para os ouvintes.

Diante dessa falta, os autores colocam que os surdos eram considerados “humanamente inferiores”. A LS também faz parte dessa desvalorização, uma vez que, para Santana e Bergamo (2005), o uso de gestos na comunicação sempre foi carregado de preconceito, porque eram considerados subumanos, o que aproximava o homem do animal.

Contudo, os autores acreditam na defesa e a proteção da LS como sendo a garantia do direito de pertença a um mundo, mais do que significar uma autossuficiência e o direito de pertença a um mundo particular, parecem significar a proteção dos traços de humanidade, daquilo que faz um homem ser considerado homem: a linguagem (SANTANA; BERGAMO, 2005).

Gesser (2009), aposta na necessidade de provocar uma aproximação do ouvinte com o mundo do surdo. Para a autora, esse movimento é necessário para que o conhecimento da cultura e identidade surda e da LS sejam assuntos conhecidos de toda a sociedade. Nesse sentido, a autora refuta a ideia de que a LS é um código secreto dos surdos e promove a ideia de que essa educação saia definitivamente dos mosteiros, asilos e escolas segregadoras, como foi historicamente a educação dos surdos.

Diante dessas colocações, a construção de uma cultura e identidade surdas se torna de extrema relevância. A identidade vai sendo construída por diferentes fatores, entre eles, a forma como a família lida com o sujeito surdo, a relação dele com pessoas surdas, ou ainda, a possibilidade que ele tem de conviver com outros indivíduos também ajudará a construir sua identidade e visão de mundo.

Outro fator relevante na construção dessas identidades é a LS que, segundo muitos estudos, entre eles Gontigo (2011), está na base da identidade surda. Consoante a isso, Moura (2000), entende que de posse da Língua “natural” dos

surdos, ou seja, da LS, adquirida em qualquer idade, é que se inicia a construção da identidade.

Diante dessa perspectiva, pode-se entender a relação da identidade surda com uso da Língua, ou ainda, o quanto o uso da LS está relacionado com a identidade do sujeito surdo, que é construída na relação com o outro sujeito surdo. A aquisição de uma linguagem, no caso a de sinais, é de extrema importância para o desenvolvimento de uma identidade pessoal surda. Assim, para Moura (2000), é de posse da LS, para os surdos a “natural”, que ele dá início a construção da identidade surda. Corroborando com isso, Giordani (2010, p 10) acredita que o espaço de construção de identidade deve priorizar a garantia do acesso à LS em todos os seus serviços, pois é na escola que o surdo encontra sua identidade e se reconhece na sua diferença linguística. Nesse sentido, frequentar uma escola onde a Libras esteja presente como idioma de interação também é importante para o desenvolvimento identitário, uma vez que, ao estar em contato com pessoas que têm a mesma forma de significar o mundo e de aquisição linguística, sinta-se amparado entre seus pares. A Cultura Surda apresenta uma identidade própria em muitos aspectos. Tal ideia é muito disseminada por surdos e ouvintes no ambiente social, onde se discute o tema.

Por sua vez, Gesser (2006) acrescentaria à asserção um plural e diria que somos permeados, sejamos surdos ou ouvintes, por múltiplas identidades e culturas. Sendo assim, podemos dizer que, de fato, há uma série de elementos que caracterizam a comunidade surda em uma cultura própria, principalmente, uma Língua específica. Mas, também, o surdo não está isolado ou segregado socialmente.

Partindo desse pressuposto, torna-se importante apresentar as especificidades da cultura gaúcha que ganharam uma importância singular nesse trabalho. Para Marquezan e Dalmazzo (2021) o povo gaúcho fala diferente. Segundo os autores, a variedade de palavras, expressões, termos e regionalismo empregados no linguajar constituem um "dialeto" complexo. Apesar da massificação produzida pelos veículos de comunicação, muito desse modo de falar continua desconhecido para os moradores de outros estados.

Segundo Marquezan e Dalmazzo (2021), é necessário produzir uma memória de expressões do linguajar Gauchesco que corre risco de apagamento pela globalização da comunicação. Ainda, facilitar a compreensão de expressões cujo sentido escapa da sua literalidade, ou seja, o sentido figurado. Os autores acreditam que a maioria das expressões são gaúchas de nascimento. Outras, são adotadas,

adaptadas e tratadas como se filhas fossem. Foram escolhidas com propósito de evidenciar um sentido que adquiriram no contexto de sua locução. Isso é possível porque uma palavra pode possibilitar vários sentidos, dependendo de quem fala, de quem ouve, do lugar onde o enunciado é dito e ouvido. São os movimentos que a Língua é capaz de fazer.

O linguajar típico da cultura para Marquezan e Dalmazzo (2021) foi construído num “entre-cultural” de outras culturas. As expressões identitárias da referida cultura são:

[...] Componentes de linguagens que foram construídas e constituem um entre-lugar, um local intersticial nativo, espanhol, português. Um local de movimento, de passagem, de formação e transformação onde uma coisa não é mais ela mesma, mas não chega a ser outra. O sujeito do entre lugar é um outro cultural que surge do embate entre as culturas e as transformações que dele derivam. O Guarani não é mais O Guarani, o português não é mais o português, o espanhol não é mais o espanhol, o sujeito entre lugares está no intrínseco de embate entre as diferenças culturais (MARQUEZAN; DALMAZZO, 2021, p.6).

De acordo com os autores supracitados, é:

[...] nesse entre-lugar, no sul do continente, "quase no fim do mundo", como disse no discurso inaugural de seu pontificado o Papa Francisco, em um espaço de relações confusas entre os nossos colonizadores portugueses e espanhóis, bem como as relações de ambos com os nativos, que é constituído reconstruído e desconstruído um sujeito. É nesse movimento dinâmico contínuo e atemporal que a língua história e ideologia constroem o gaúcho sujeito único e ao mesmo tempo comum genuíno e ao mesmo tempo híbrido. Assim, arrisco-me "meter" uma pontinha, bem "picurruca", da minha colher nesse panelão de culturas que começou fervura com o calor missionário e forjou essa raça chimarrão riograndense responsável pela produção e pelo consumo dessas "bagualidades". (MARQUEZAN; DALMAZZO, 2021, p.7).

A construção da identidade e Cultura Surda passa pela mudança paradigmática da deficiência para o de minoria linguística cultural. Ainda, pela inclusão do surdo nas minorias sociais como forma de concebê-lo fora da condição de anormalidade. Dessa forma, a aproximação com as minorias normais, porém diferentes, inaugura um estatuto da surdez descolado da patologia e ancorado no fenômeno social.

Cabe salientar que, de acordo com dados da Organização Mundial da Saúde

(OMS)¹ de 2015, o número de brasileiros com algum nível de surdez, chega, aproximadamente, a 30 milhões de pessoas, o que representa quase 15% da população brasileira. Isso mostra a representatividade da parcela da população com alguma dificuldade auditiva. Desta forma, fica claro como é indispensável o uso da Libras como meio de comunicação.

O culto às tradições gaúchas é uma forma de manter sua identidade enquanto grupo com características distintas e o lugar onde algumas delas ganham centralidade é nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs). Para Oliven (2006, p.142), “os CTGs passam a ser o lugar onde esse culto é desenvolvido e as tradições são ritualizadas”. A partir disso, percebe-se a dinamicidade da cultura e das tradições gaúchas, que encontram no CTG um local para exaltação e manutenção, bem como, um local de interação entre indivíduos do mesmo grupo social, reconhecendo-se nas suas origens e buscando resgatar as suas raízes.

A música é também uma importante ferramenta identitária do povo gaúcho, as quais veremos na caracterização do festival gauchesco. Os festivais nativistas são exemplos disso. Segundo Marcon (2011), eles foram inaugurados nos anos 1970 e, ainda hoje, estão atuantes no sul do país. A autora refere que a música nativista se constituiu como gênero musical no sul do Brasil, que desde sua inauguração passaram a fazer parte do calendário festivo de muitas cidades sul-rio-grandenses e, mais recentemente, de estados como Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul. Os festivais são organizados a partir de competições musicais com premiação em dinheiro e troféus e muitos resultam em gravação de matérias de divulgação. Os principais gêneros da música nativista são a vaneira (ou vaneirão), a milonga e a charrá – a maioria definidos como “tradicional” no Rio Grande do Sul por pesquisadores e folcloristas como Barbosa Lessa e Paixão Cortes (MARCON, 2011).

A Coxilha Nativista de Cruz Alta, que foi palco da realização do encontro de surdos para criação do artefato dessa pesquisa, de acordo com Veríssimo, Silva e Pereira (2008), é um dos maiores festivais de música nativista do sul do país. Os autores referem que a cidade de Cruz Alta é conhecida como “a terra do Érico Veríssimo” e desse festival saíram composições que se tornaram clássicos do cancionário do Estado e grandes ícones da música, tais como João de Almeida Netto,

¹ Informação veiculada no portal do Centro Auditivo São João, disponível em: <https://www.centroauditivosaojoao.com.br/noticia/quase-30-milhoes-de-brasileiros-sofrem-de-surdez>. Acesso em outubro de 2022.

Elton Saldanha, Renato Borgetti e Yamandú Costa. Também alegam que, apesar do festival ter sido encampado pelo prefeito municipal Humberto Ferreira da Silva, que na perspectiva de valorizar o movimento musical oficializou o evento em 1981, o idealizador da Coxilha Nativista foi Antônio Augusto Sampaio da Silva.

Para Veríssimo, Silva e Pereira (2008) os objetivos dos festivais, bem como os da Coxilha Nativista, são de oportunizar a integração de poetas, compositores e músicos nativistas; despertar o interesse da comunidade para os valores regionais; motivar temas que falam das raízes gaúchas na arte musical; tornar conhecida as expressões da arte gaúcha diante da comunidade brasileira; e divulgar a raça e as raízes do gaúcho através da música.

Como podemos observar, este evento ao mesmo tempo em que resgata e cultua os valores culturais regionais, faz com que por determinado espaço de tempo (dias do evento) a comunidade busque representar esse sentimento de ser gaúcho. Além disso, estes movimentos culturais representam um modo de vida e, portanto, não podem ser entendidos como um evento passageiro (VERÍSSIMO; SILVA; PEREIRA, 2008).

2.2. A EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA: A TRAJETÓRIA DAS POLÍTICAS INCLUSIVAS EM CONSTRUÇÃO

O direito à educação pública e de qualidade, está assegurado na Constituição Federal de 1988 (CF/ 1988). O artigo 205 do referido documento, declara a educação como direito de todos e dever do Estado, compartilha com a família e com a sociedade em geral a responsabilidade pela efetivação e garantia desse e demais direitos. No artigo 06, fica definido como dever do Estado a garantia do acesso a todos, nos diversos níveis da educação, assim como, a implementação das Políticas Públicas Educacionais (BRASIL, 1988).

Para Antunes (2008), a educação é uma prática social humanizadora, intencional que tem como objetivo transmitir a cultura construída ao longo da humanidade. Para a autora, o homem vai tornando-se humano através de seu pertencimento ao mundo histórico-social. O pertencimento e a incorporação desse mundo em si mesmo é um processo promovido por meio da educação, no qual a historicidade e a sociabilidade são constitutivas e a educação é determinada e determinante nesse processo.

A educação, tal qual proferia Freire (1986), deve ser libertadora, porque é um ato político de construção do conhecimento e de uma sociedade mais ética, justa e solidária. Nessa perspectiva, para o autor, o educando é o principal agente de mudanças e do seu processo pedagógico.

O educador ocupa o lugar de quem ensina/aprende/aprende/ensina em um constante processo pedagógico. O diálogo assume um lugar relevante de trocas e desenvolvimento de uma consciência crítica, tão necessária aos processos educativos. Diante disso, Freire concebe a educação como processo permanente de luta por pessoas historicamente desfavorecidas e da garantia de seus direitos.

Nesse contexto, cabe compreender como se construiu o processo de educação de pessoas com deficiência, que constituem uma grande parcela desses sujeitos. A educação voltada à pessoas com deficiência, tem início no modelo clínico, sedimentado em laudos médicos e com viés higienista e excludente. Até meados do século XX, esse conhecimento não dava conta das diferentes complexidades e singularidades que envolve o contexto das deficiências.

O conhecimento médico não diferenciava, por exemplo, os inúmeros graus, níveis e modalidades de comprometimento mental. Além disso, a ênfase no atendimento era em terapias individuais, como psicologia, fisioterapia, fonoaudiologia entre outras.

Para Mendes (1995), o Atendimento Educacional Especial, para os deficientes no Brasil, era feito a partir de diferentes vertentes educacionais especiais eram elas: médico-pedagógica e psicopedagógica. Segundo a autora, a idealização da proposta médico-pedagógica se caracterizava pela preocupação eugênica e com a forma higienizadora da sociedade brasileira. Dessa forma, foi estimulada a criação de escolas em hospitais e clínicas, fato que contribuiu para a construção de uma tendência mais segregativa da Educação Especial no Brasil.

Nesse período, o aluno com deficiência não era objeto de estudos da pedagogia e não pertencia ao sistema regular de ensino. A Educação Especial nesse contexto, era organizada como Atendimento Educacional Especializado substitutivo ao ensino comum. Diante desse cenário, tinham-se diferentes compreensões, terminologias e modalidades que culminaram na criação de instituições especializadas, escolas especiais e classes especiais.

O paradigma, acima citado, ancora os conceitos de *normalidade* x *anormalidade*, os atendimentos clínico terapêuticos, as testagens psicométricas que

resultam em diagnósticos que na maioria das vezes serviam para criação de rótulos e de processos de exclusão das pessoas com deficiência.

Institucionalmente, a Educação Especial no Brasil inicia no período imperial com Instituto dos Meninos Cegos Benjamin Constant, em 1854. A seguir, em 1857, cria-se o Instituto Nacional de Educação para Surdos no Rio de Janeiro. Em 1926, com a fundação do primeiro Instituto Pestalozzi, de Canoas. Em 1932, Helena Antipoff criou a Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte. Em 1945, foi fundada a Sociedade Pestalozzi do Brasil e, ainda no mesmo ano, foi criada a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

Ao longo dos tempos, foram estabelecidos alguns marcos importantes para superação desse modelo em âmbito nacional e internacional. Nacionalmente, as Políticas Públicas voltadas para a Educação Especial no Brasil sofreram forte influência depois da promulgação da Constituição Federal de 1988 (CF/88). Como mencionado anteriormente, o documento já sinalizava importantes contribuições para a compreensão da inclusão, uma vez que, estabelece que a educação é um direito de todos e, logo, um direito social.

No Brasil, diferentes normativas vem sendo construídas para garantia do direito das pessoas com deficiência. Quando o assunto é Educação Especial inclusiva não é diferente, uma vez que, estão sendo construídas Políticas Públicas que atuem como promotoras de uma educação de qualidade para todos os alunos no mesmo espaço formativo. Essas políticas vêm promovendo a transformação da visão da Educação Especial no sistema de ensino brasileiro, visto que, permite que os alunos com deficiência possam ter mais acesso e permanência nas turmas de ensino regular, com independência e autonomia.

Em âmbito internacional, um importante marco para a Educação Especial aconteceu, em 1990, com advento da Conferência Mundial de Educação para Todos, que resultou na Declaração Mundial de Educação para Todos. A seguir, em 1994, foi realizada a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais: acesso e permanência, que originou a Declaração de Salamanca.

Assim, a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) ganhou destaque por abordar, especificamente, a proposta de inclusão escolar de alunos com necessidades especiais. O Brasil é país signatário dessa declaração que estabelece princípios, políticas e práticas na área da Educação Especial.

Essa resolução é considerada um dos documentos internacionais mais

relevantes voltados à inclusão. De acordo com ela, a construção de uma sociedade inclusiva é um processo de fundamental importância para a manutenção de um Estado Democrático. É incluso, neste princípio, que o Brasil busca partilhar e promover Políticas Públicas e ações educacionais inclusivas.

Entre tantas outras coisas, a Declaração de Salamanca garante que:

As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem-dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas (UNESCO, 1994 p. 17-18).

Com isso, a partir dessa declaração, ampliou-se a concepção de Educação Especial que era pensado para pessoas com deficiência e se institui que o conceito de necessidades educacionais especiais “refere-se a todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades educacionais especiais se originam em função de deficiência ou dificuldades de aprendizagem” (UNESCO, 1994, p. 3). O referido documento prevê o encontro de todas as crianças, independente de suas características no mesmo ambiente de aprendizagem. Ainda, influenciou no desenvolvimento da Educação Inclusiva e no processo de acessibilidade da pessoa com deficiência, buscando trabalhar de forma inclusiva para se alcançar uma educação de qualidade e para todos.

Nessa linha de tempo, em 1996 no Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 (LDB/96) apresentou um capítulo específico para Educação Especial. Esse marco representou uma grande contribuição para o público da Educação Especial no país. Assim, é no art. 58 da LDB/96 que se encontra a definição de Educação Especial que é a “a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para os educandos portadores de necessidades especiais” (BRASIL, 1996, s.p). Nessa concepção, materializam-se duas importantes garantias, a primeira que ela passa a ser uma modalidade de educação e a segunda que ela será oferecida na rede regular de ensino com todos os alunos (BRASIL, 1996).

A LDB ainda atribui ao poder público a responsabilidade de efetivação das matrículas para os educandos com necessidades especiais na rede regular de ensino, também de oferecer, quando necessário, serviço de Atendimento Especializado. Além

disso, indica que os sistemas públicos de ensino apresentem currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica que atendam a esse público (BRASIL, 1996). A elaboração da LDB/96 fomentou o processo de inclusão na perspectiva da *educação para todos* como direito.

Segundo Beyer (2005), a implementação da Educação Especial no Brasil teve uma grande importância social, uma vez que, passou acolher as pessoas que, até então, ficavam escondidas pela família. Para ele, a LDB/96 representou importante passagem do paradigma médico para o paradigma pedagógico quando o assunto é inclusão. O autor reforça que esse é um paradigma que não se pode abrir mão e não ceder a nenhum retrocesso, pois a escola passou a copartícipe do processo, ou ainda, tomou para si a responsabilidade da Educação Especial e Inclusiva.

Para Pavão e Pavão (2018) a inclusão pode ser compreendida como uma inovação no campo do conhecimento, proporcionando novas formas de interação, socialização e aprendizagem. As autoras ainda evidenciam o caráter coletivo e democrático imanente aos processos educativos para que eles atinjam sua plenitude. Ainda, salientam que esse caráter coletivo exige ações que reverberam em um ambiente de coparticipação, estimulação do conhecimento e em concomitância aos processos de produção e significação cultural.

Outro importante fato para Educação Especial no Brasil foi a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1998. Os PCNs organizaram as adaptações necessárias para a educação de estudantes que são públicos da Educação Especial. Propõe, ainda, que a mesma deve contemplar as diferenças individuais e oferecer um trabalho diversificado dentro do mesmo currículo (BRASIL, 1998).

Em 1999, aconteceu a Convenção da Guatemala – Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. As decisões construídas na Convenção foram incorporadas pelo Decreto 3.956/2001, que reafirmou os direitos das pessoas com deficiência (BRASIL, 2001).

Na sequência temporal, em 2001, temos o Plano Nacional de Educação (PNE), que foi instituído pela Lei nº 10.172/2001 e destaca que a educação teria como uma das metas principais a construção de uma escola inclusiva que respeite e garanta à diversidade humana. O PNE determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional no período de 2014 a 2024. O plano definiu 10 diretrizes que devem guiar

à educação brasileira neste período e estabeleceu 20 metas a serem cumpridas na vigência. Esse documento orienta a execução e planejamento de Políticas Públicas para educação para os próximos dez anos. Contempla todos os níveis de ensino, a saber: infantil, básico e superior.

O PNE, ainda, propõe-se à erradicação do analfabetismo, à melhoria da qualidade da educação, além da valorização dos profissionais, que é considerado um dos maiores desafios das políticas educacionais. A referida lei prevê que a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios atuem, em colaboração, na realização das metas. Uma especificidade do plano, que é muito cara a esse trabalho, diz respeito a Educação Inclusiva. Na Meta 04 o PNE se sugere a:

Universalizar, para a população de 4 (quatro) a 17 (dezesete) anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados (BRASIL, 2014, s.p).

Em 2008, um importante marco para a Educação Especial foi a criação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI). A referida Política assenta as bases da Educação Inclusiva no Brasil e cria o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Ainda, assegura a transversalidade da Educação Especial da Educação Infantil até o Ensino Superior, sendo que, o AEE não será contemplado apenas na Educação Superior.

Um dos grandes objetivos da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva é assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino (BRASIL, 2008).

Também prevê a formação de professores para o Atendimento Educacional Especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das Políticas Públicas (BRASIL, 2008).

Nesse novo arranjo, a partir da perspectiva da Educação Inclusiva, a

Educação Especial passa a construir as propostas pedagógicas das escolas. O público-alvo são alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Nos demais casos, que implicam transtornos funcionais específicos, a Educação Especial atua como orientadora para o atendimento desses discentes. Dentre os transtornos funcionais específicos estão: dislexia, disortografia, disgrafia, discalculia, transtorno de atenção e hiperatividade entre outros. Fica definido, ainda, que se considera alunos com deficiência aqueles que têm impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que em interação com diversas barreiras podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade (BRASIL, 2008).

A PNEEPEI, criada em 2008, vem impactando a organização e o funcionamento dos serviços especializados para seu público-alvo. A referida Política transformou a Educação Especial em um serviço de Atendimento Educacional Especializado (AEE) ofertado, em tese, ao seu público-alvo de forma extraclasse, em regime de contraturno, no espaço-tempo das Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), por professores especializados. Porém a política não descartou que fosse oferecido outras formas de apoio dos estudantes do público-alvo da Educação Especial, que podem ser ofertados no contexto das salas de aula comum e outros espaços escolares.

No referido texto fica preconizado que:

Cabe aos sistemas de ensino, ao organizar a educação especial na perspectiva da educação inclusiva, disponibilizar as funções de instrutor, tradutor/intérprete de Libras e guia-intérprete, bem como de monitor ou cuidador aos alunos com necessidade de apoio nas atividades de higiene, alimentação, locomoção, entre outras, que exijam auxílio constante no cotidiano escolar. (BRASIL, 2008, s.p).

Com relação a profissão de Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais (Libras/Português) (TILS), ela foi reconhecida pela Lei nº12.319/2010. Essa lei promoveu a elaboração de parâmetros para exercício da profissão formação, atuação, proficiência, sindicalização, entre outras.

Com relação as atribuições do tradutor/intérprete de Libras, no exercício de suas competências, elas estão regulamentadas pelo artigo 6º da referida Lei:

I - efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da Língua para a língua

oral e vice-versa;

II - interpretar, em Língua Brasileira de Sinais - Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares;

III - atuar nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino e nos concursos públicos;

IV - atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas; e

V - prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais (BRASIL, 2010, s.p).

A Lei também se preocupou com as questões éticas que atravessam o exercício da profissão, em seu artigo 7º, o documento define que o intérprete deve exercer sua profissão com rigor técnico, zelando pelos valores éticos a ela inerentes, pelo respeito à pessoa humana e à cultura do surdo e, em especial:

I - pela honestidade e discrição, protegendo o direito de sigilo da informação recebida;

II - pela atuação livre de preconceito de origem, raça, credo religioso, idade, sexo ou orientação sexual ou gênero;

III - pela imparcialidade e fidelidade aos conteúdos que lhe couber traduzir;

IV - pela postura e conduta adequadas aos ambientes que frequentar por causa do exercício profissional;

V - pela solidariedade e consciência de que o direito de expressão é um direito social, independentemente da condição social e econômica daqueles que dele necessitem;

VI - pelo conhecimento das especificidades da comunidade surda (BRASIL, 2010, s.p).

A PNEEPEI propõe de forma clara que será assegurado o acesso e a permanência do aluno especial no ensino regular, evitando a exclusão escolar. Ao incluir, a Política se preocupa com a garantia da acessibilidade, uma vez que, a inclusão não se sustenta sem a acessibilidade.

Sobre a acessibilidade, algumas mudanças foram imprescindíveis para a garantia desses direitos. Na década de 1980, com o fortalecimento dos movimentos pelos direitos das pessoas com deficiência, iniciam-se as sinalizações em vias públicas ou não, rampas e leis específicas que regulamentam e organizam o espaço da acessibilidade.

Essas lutas dão início a marcos importantes para a inclusão. Um marco importante nessa linha de tempo é a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, de 2015, que ficou conhecida como Lei Brasileira da Inclusão (LBI). A Lei articula diferentes dispositivos visando assegurar e promover a igualdade de condições das pessoas com deficiência. Diante disso, ela prevê que as pessoas com deficiência possam exercer seus direitos fundamentais e tenham assegurados seu

direito à inclusão social e cidadania. Outra importante especificidade dessa norma é, que a partir dela, as escolas privadas não podem mais rejeitar alunos por causa de uma deficiência e muito menos aumentar valores para pagar por causa dela.

Uma das principais premissas da Lei Brasileira de Inclusão é oferecer uma perspectiva diferente sobre a definição de “deficiência”. Ela tem como base a Convenção da ONU sobre os Direitos das pessoas com Deficiência. Diante dessa perspectiva, a Lei inaugura um novo tempo em diferentes aspectos para essas pessoas. Pela primeira vez na história do país, incorpora-se um tratado internacional de Direitos Humanos ao ordenamento jurídico através de uma emenda constitucional (BRASIL, 2015).

A LBI apresenta dois grandes blocos de garantias de direitos. O primeiro deles trata dos direitos fundamentais das pessoas com deficiência e o segundo assegura o acesso à justiça para pessoas com deficiência, e as punições aplicadas àqueles que desrespeitam a LBI. No primeiro bloco, encontra-se um capítulo dedicado as questões de educação no que se refere ao desenvolvimento de metodologias e técnicas capazes de atenderem às necessidades de todos os grupos de alunos de forma integradora (BRASIL, 2015).

Nessa perspectiva, a normativa rompe com a ideia de matérias separadas para alunos com deficiência e propõe a integrar as ações educativas de forma inclusiva. Ainda, deixa claro a substituição do termo Educação Especial, anteriormente usado para expressar as práticas educacionais destinadas às pessoas com deficiência, pelo de Educação Inclusiva. A nova nomenclatura carrega um modelo pedagógico dedicado a valorizar a heterogeneidade e a extrair de cada aluno seu pleno potencial.

O segundo bloco da LBI assegura o acesso à justiça para pessoas com deficiência e as punições aplicadas àqueles que desrespeitam a Lei. Entre tantas outras providências, prevê no seu Art.88 o cumprimento de penas para quem discriminar, prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou exercício de direitos e liberdades fundamentais da pessoa com deficiência. Ainda, estipula, no mesmo artigo, a detenção de dois a cinco anos para quem impedir ou dificultar o ingresso de pessoa com deficiência em convênios médicos. Para quem recusa oferecer emprego e/ou assistência médico-hospitalar a uma pessoa em decorrência de sua deficiência será aplicado a mesma pena (BRASIL, 2015).

A LBI busca promover garantias de direito e cidadania as pessoas com

deficiência. Ela se preocupa em assegurar que essas pessoas não sofram qualquer tipo de discriminação em razão delas. Porém, para além disso, é preciso promover protagonismo desses indivíduos, visto que também são sujeitos de direitos. Assim, é preciso alavancar e garantir direitos em todos os aspectos da vida das pessoas com deficiência como educação, trabalho, saúde, infraestrutura entre tantas outras (BRASIL 2015).

Diante desse pequeno percurso, é possível compreender que em diferentes tempos históricos os direitos das pessoas com deficiência vêm sendo construídos, diante disso, uma política em construção como se nomeou essa sessão. Ainda, entender que a ideia de que todas as crianças devem frequentar as mesmas escolas, independentemente das suas capacidades físicas ou intelectuais, é muito recente.

A mudança paradigmática que o conceito de “inclusão” oferece é que, se antes a ênfase estava em capacitar as pessoas com deficiência para que fossem capazes de se integrar na escola, na atualidade, o objetivo é a mudança da escola que se faz necessário para que ela, seja capaz de incluir todos os alunos. Nesse contexto, a mudança paradigmática da Educação Inclusiva carrega aspectos do ponto de vista histórico, social, jurídico, conceitual, entre tantos outros.

Para Mantoan (2011), essa nova conjuntura construída pelas Políticas Inclusivas amplia a noção de direito à educação. Para ela, a Educação Inclusiva assumiu novos contornos e, em lugar de substitutiva, passou a se apresentar de modo complementar, suplementar e transversal ao ensino comum e a vida das pessoas.

No conjunto de agentes educacionais impactados pelos desafios da inclusão, estão desde os familiares, cuidadores, professores e outros profissionais da educação, inclusive os intérpretes de Libras e demais especialistas que convivem com as pessoas surdas. Diante disso, a seguir, apresenta-se as Políticas Públicas destinadas às pessoas surdas e mais especificamente a Língua Brasileira de Sinais.

Diante desse pequeno percurso teórico, procurou-se apresentar as principais ideias que sustentam essa pesquisa. As pesquisas em educação não comportam concepções fechadas, pois elas caminham junto com o desenvolvimento humano, político, social, entre outros. Assim, a proposta apresentada estará *viva* na perspectiva de constante construção/desconstrução que deverá continuar a ser realizado a muitas mãos. Nessa perspectiva, apresentou-se um caminho teórico pensado com conceitos e normativas. Sempre com a crença de que uma Lei só adquirir um *status* de letra viva quando ela passa a ser efetivada em ações que beneficiem o público para qual ela foi

pensada e destinada. As Políticas Públicas de inclusão, principalmente das pessoas surdas, precisam de ações efetivas que transformem a Lei em letra viva.

O avanço histórico e legislativo para o acesso à educação de qualidade da pessoa surda é reconhecido nas normativas apresentadas e nas demais existente no arcabouço legal brasileiro. Porém a realidade do trabalho nesses contextos pode revelar dificuldades que a academia ainda não reconhece. Com isso, no diálogo entre o campo e academia, pode-se construir pontes para a efetivação das Políticas Públicas da educação.

Diante disso, acredita-se que a criação do artefato digital: *Glossário Gauchesco de Libras* com a participação da comunidade surda, no evento cultural da “Coxilha Nativista” na cidade de Cruz Alta/RS, pode dar conta de responder a uma lacuna encontrada no mundo da vida das pessoas surdas. Sendo assim, pode ser pensado como uma possibilidade de fortalecimento e pertencimento da identidade da pessoa surda.

O trabalho em conjunto entre essas diferentes instâncias, pode construir saberes que consigam ultrapassar as barreiras da teoria e transformá-las em *práxis*, tal qual, postulava Freire. Para ele, a educação precisa ser pensada em seu sentido mais amplo, evocando o poder do homem em transformar o ambiente que está inserido. A Educação Inclusiva está em plena confluência com as concepções do autor, uma vez que, compreende a educação com poder de transformação dos sujeitos e das suas realidades.

Diante disso, Freire concebe a educação como processo permanente de luta por pessoas historicamente desfavorecidas da garantia de seus direitos. Já Marquezan (2015, p. 279) acredita na força do amor para introduzir a profissão pedagógica. Para ela, aí estaria a verdadeira missão de educar, que é atravessada pela complexidade da escuta e da mediação das situações complexas e problemáticas.

Neste trabalho, buscou-se promover a escuta por uma outra, mas não menos importante, via, que é das pessoas surdas. Elas, que historicamente, vêm sendo privadas da condição de escuta e pertencimento. Promover uma forma de pertencimento às singularidades da cultura gaúcha por pessoas surdas é considerado, nesse trabalho, como forma genuína de construção de identidade, cultura, respeito e amor.

3. METODOLOGIA

O caminho metodológico do trabalho fundamentou-se na abordagem qualitativa nas contribuições de Minayo (2005). Para a autora, a abordagem qualitativa lida com as vivências cotidianas, com a experiência e a compreensão das estruturas e instituições, que são resultados da ação humana objetivada. Como procedimento metodológico, a pesquisa bibliográfica utilizou-se da revisão da literatura sobre as Políticas Públicas sobre Educação Especial Inclusiva, a Língua como formação humana e intelectual, a Libras como instrumento da identidade e pertencimento à Cultura Surda e algumas considerações sobre a cultura gaúcha.

A pesquisa de cunho (auto)biográfico inspirada em Josso (2014), propôs-se a ser inovadora, uma vez que, desafiou-se a criar material de referência e de apoio, artefato digital *Glossário Gauchesco de Libras*, aos surdos e aos atores que trabalham com pessoas surdas.

Para Josso (2014), a pesquisa (auto)biográfica em educação é pautada na subjetividade e possui um viés qualitativo. Para essa autora, os participantes tomam consciência de que a objetividade da narrativa é uma ilusão e que o percurso da pesquisa possui um caráter eminentemente subjetivo. A compreensão reside em conhecer o significado atribuído por cada sujeito durante as suas vivências. Para Josso (2014), a pesquisa (auto)biográfica tem como eixo norteador a experiência humana e as reflexões que o sujeito consegue realizar ao longo do percurso. De acordo com ela, as fontes (auto)biográficas são constituídas por histórias de vida, relatos orais, fotos, diários, autobiografias, biografias, cartas, memoriais, entrevistas, escritas escolares e videográficas. Quando se trata de pesquisas em educação, a pesquisa (auto)biográfica amplia e produz conhecimentos sobre a pessoa em formação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos (JOSSO, 2014).

Para legitimidade da LS, utiliza-se as contribuições de Marquezan (2015, p. 94, apud JOSSO, 2010, p. 15) que compreende:

[...] que o processo de narrativização propicia legitimidade, mobilizando a subjetividade como processo de produção de saber e a intersubjetividade. Como suporte no trabalho interpretativo e de construção de sentido para os autores personagens de suas narrativas o cuidado metodológico implica na aposta epistemológica relativa ao valor de uso dos conhecimentos produzidos quanto as normas e legitimidade de um saber científico.

Já para legitimar a metodologia da pesquisa (auto)biográfica, Marquezan (2015 apud JOSSO, 2010) refere que as metodologias (auto)biográficas foram desenvolvidas na Europa, na América do Norte e na América do Sul com toda sua originalidade cultural e histórica. Para as autoras, elas foram usadas para projetos de expressão, profissionais, de reinserção, de formação, de transformação, de práticas, de vida nos momentos cruciais e reorientação da vida etc.

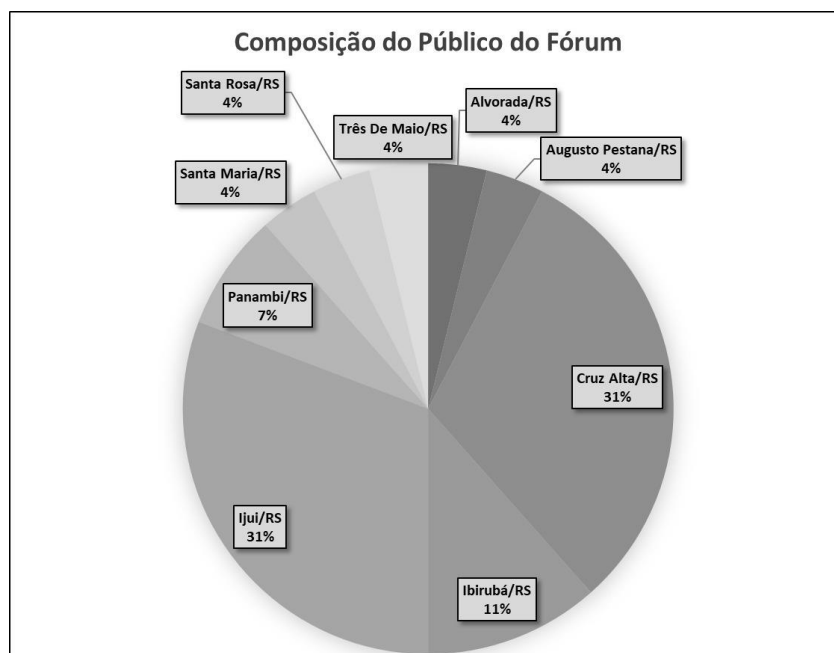
A presente pesquisa também se caracteriza por ser uma pesquisa aplicada no processo inclusivo das pessoas surdas e implicada, pois a autora fez parte de todo o processo de construção do produto final da dissertação, sendo pesquisadora, autora e sujeito/personagem do *Glossário Gauchesco de Libras*.

3.1. PARTICIPANTES

Foram convidados a participar da pesquisa os sujeitos da comunidade surda, os profissionais que atuam como intérpretes de Libras, sendo que, o professor Willian da Motta Brum foi o representante docente e da comunidade surda simultaneamente. O professor Willian foi vice-coordenador do evento, uma vez que, o mesmo esteve presente da organização à execução do mesmo. Os representantes da comunidade surda estavam em número de 33 sujeitos, retratados em sua maioria por surdos e alguns intérpretes de Libras.

A composição do público do Fórum teve representantes de 09 cidades do estado do RS. A maioria dos participantes foi das cidades de Cruz Alta e Ijuí (31%). A seguir o maior público foi da cidade de Ibirubá (11%), depois da cidade de Panambi (7%). Das cidades de Santa Maria, Santa Rosa, Três de Maio, Alvorada e Augusto Pestana o público respectivamente teve percentual representativo de 4% como pode ser observado no gráfico que segue.

Gráfico 1 - Composição do Público do Fórum



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

3.2. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A organização do 1º Fórum Gauchesco de Surdos aconteceu seguindo as orientações da banca de qualificação que sugeriu que fosse levado ao evento alguns verbetes gauchescos. A partir disso, cada imagem foi contextualizada quanto a sua utilização na Língua Portuguesa. Ainda, foi feito um levantamento entre os surdos sobre as indumentárias gaúchas e os verbetes que mais interessavam na cultura gaúcha.

Num primeiro momento, no mês de maio de 2022, foi realizado o convite ao professor surdo, conhecido da pesquisadora por já ter realizado um curso de Libras com o mesmo. O Curso *Mãos que Falam*, idealizado e ministrado por Willian da Motta Brum, atualmente professor da Unipampa - São Borja/RS. O professor aceitou prontamente o convite para compor a equipe de organização e realização do Fórum. A escolha pelo professor Willian se deu por diferentes vias, ou seja, pela via do afeto, respeito e confiança no seu conhecimento, uma vez que, ele vivencia a cultura gaúcha efetivamente. Rotineiramente, o professor faz uso de vestimentas gaúchas, posta fotos e vídeos em suas redes sociais tomando chimarrão. Ainda, refere que em suas horas de folga e lazer tem por hábito fazer receitas tradicionais da culinária gaúcha.

Além disso, é um surdo ativo na comunidade, transita bem pelos espaços de cada cidade que frequenta e está sempre envolvido com projetos científicos e populares, que busquem levar a todos a cultura da Libras como primeira Língua dos surdos e a segunda oficial para pessoas surdas no país.

Após o aceite do Professor, foi preciso realizar a interlocução com a Prefeitura Municipal de Cruz Alta, uma vez que, a ideia central era que o Fórum fosse inserido na programação do festival de música nativista chamado de *Coxilha Nativista de Cruz Alta/RS*. Os sentimentos que acompanharam a pesquisadora foram um misto de desejo, expectativas e medo de que os organizadores tivessem alguma resistência em inserir um projeto novo a um evento tradicional do estado.

E foi nesse misto de sentimentos que realizamos a reunião com a prefeita Paula Rubin Facco Librelotto (médica) e Thiago (secretário administrativo). Aceitaram de imediato a proposta de realização do Fórum. No encontro, apresentamos um breve relato sobre a caminhada pessoal e acadêmica da pesquisadora e todo seu envolvimento com a Libras. Ainda, explicamos detidamente o projeto de mestrado e os objetivos que necessitavam da inclusão do mesmo no evento.

Depois disso, materializamos o pedido e os convocamos para estarem juntos à efetivação da pesquisa. Ainda, solicitamos a permissão para construir um evento, dentro do evento maior. De imediato, a prefeita Paula e o secretário Thiago aceitaram a proposta de realização do Fórum, sem nenhuma restrição. A compressão, aceitação e admiração demonstrada por eles para a realização do Fórum, foi um fator de extrema importância para que ele acontecesse de forma produtiva e com a excelência que resultou.

Após o aceite e apoio da prefeita Paula, fomos encaminhados a conversar com o Kleber Lorenzoni, Coordenador de Eventos e acessibilidade da prefeitura. Da mesma forma, o apoio foi incondicional e nesse momento a equipe organizadora ganhou reforço da Márcia Lamaison (assessora da prefeita) que se prontificou a estar presente em todos os momentos e promoveu apoio incondicional, da organização à realização do Fórum.

Paralelo a isso, aconteciam as reuniões entre a pesquisadora e o professor Willian. As reuniões mediadas pela tecnologia, mais precisamente pela plataforma do *Google Meet*, tiveram objetivos de organizar a logística da tarde do Fórum, planejar e estudar juntos os verbetes, indumentárias, comidas típicas entre outras coisas. Na primeira reunião, foi combinado como seria realizado o convite para a comunidade

surda. A seguir, acordamos que faríamos um vídeo caracterizados de peão e prenda no qual a comunidade surda teria todas as informações sobre a importância da sua participação nesse momento.

O passo seguinte foi realizar a gravação do convite em Libras, com a indumentária gaúcha. Após, nos reunimos novamente para analisar como seria possível alcançar nosso público-alvo com essa gravação. Dessa forma, ficou acordado que Willian iria encaminhar pela rede social particular *Facebook* e a pesquisadora pela rede social *WhatsApp* o vídeo produzido, pelos dois, em formato de convite. Além dessas pautas, escolhemos o número de verbetes que levaríamos para o Fórum, quais imagens que nos ajudariam nesse objetivo e, por fim, qual seria a melhor maneira de tradução em Libras para eles compreenderem principalmente as expressões gauchescas.

No terceiro encontro reunimos forças para organizar detidamente como iria acontecer o 1º *Fórum Gauchesco de Surdos*, na data de 30 de julho de 2022. Como resultado dessa reunião, temos no Quadro abaixo a descrição de como o Fórum foi sistematizado para acontecer, na data acima citada.

Quadro 1 - Sistematização do Fórum

| Horário | Atividades |
|---------|--|
| 14h | Credenciamento |
| 14h15 | Abertura do Fórum |
| 15h25 | <i>Break of mate</i> |
| 15h45 | Continuação do Fórum Gauchesco de surdos |
| 17h00 | Enceramento |

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Ainda nessa reunião, criamos o e-mail do evento forumgauchescodesurdos@gmail.com, o qual usamos também para criação da conta do *YouTube*. A conta também nos foi fundamental para disponibilizar os sinais criados por essa plataforma e encaminhar os certificados de participação. Foi elaborado a lista de inscrição, usada no momento do credenciamento. Também, discutimos a necessidade de criação de uma logo que representasse o evento. Para isso, recebemos a indicação do nome de Cristian Rafael Grade de Paula, que é designer gráfico surdo da cidade de Ijuí. Realizamos o pedido para que ele fizesse a criação, o

mesmo aceitou sem nenhum custo financeiro e manifestou sua satisfação em fazer parte desse momento. O resultado do trabalho está na Figura 1, disposta mais abaixo.

A realização do *1º Fórum Gauchesco de Surdos* concomitante ao festival, permitiu que o mesmo acontecesse num espaço reconhecido de valorização e vivência da cultura gaúcha. Diante disso, foi possível que somássemos junto a um evento já consolidado e respeitado. O festival da *Coxilha Nativista de Cruz Alta* em sua 42ª edição já revelou ao estado, e ao mundo cultural, inúmeros profissionais e variadas músicas que exaltam e preservam a cultura do povo gaúcho.

Abaixo as imagens da realização das reuniões, escolha dos verbetes que receberiam sinais em Libras, a logo do evento e modelo da lista de inscrição.

Imagem 1 - Apoio no Fórum.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Imagem 2 - Público do Fórum no Festival de música Gaúcha Coxilha Nativista de Cruz Alta/RS.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Imagem 3 - Público participante do 1º Fórum Gauchesco de Surdos.



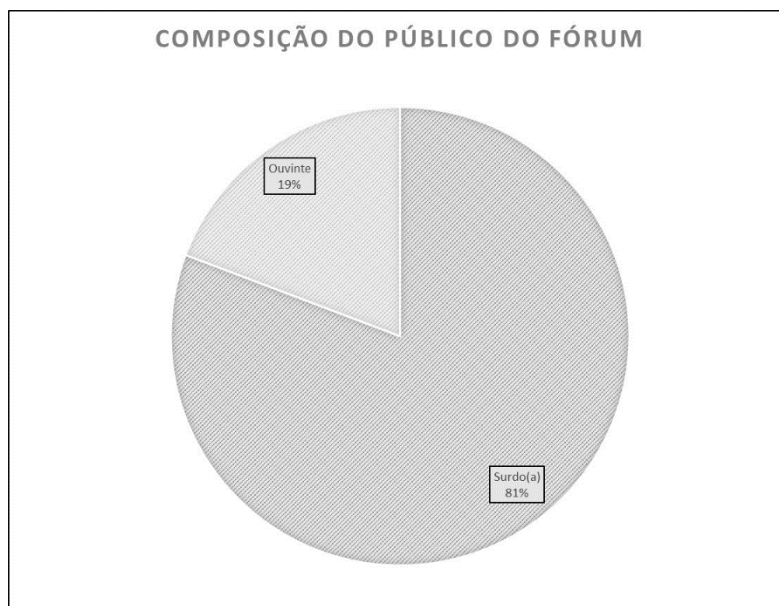
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Tabela 1 - Relação participantes/Cidades.

| Cidade | Participantes |
|--------------------|----------------------|
| Alvorada/RS | 1 |
| Augusto Pestana/RS | 1 |
| Cruz Alta/RS | 8 |
| Ibirubá/RS | 3 |
| Ijuí/RS | 8 |
| Panambi/RS | 2 |
| Santa Maria/RS | 1 |
| Santa Rosa/RS | 1 |
| Três De Maio/RS | 1 |
| Total | 26 |

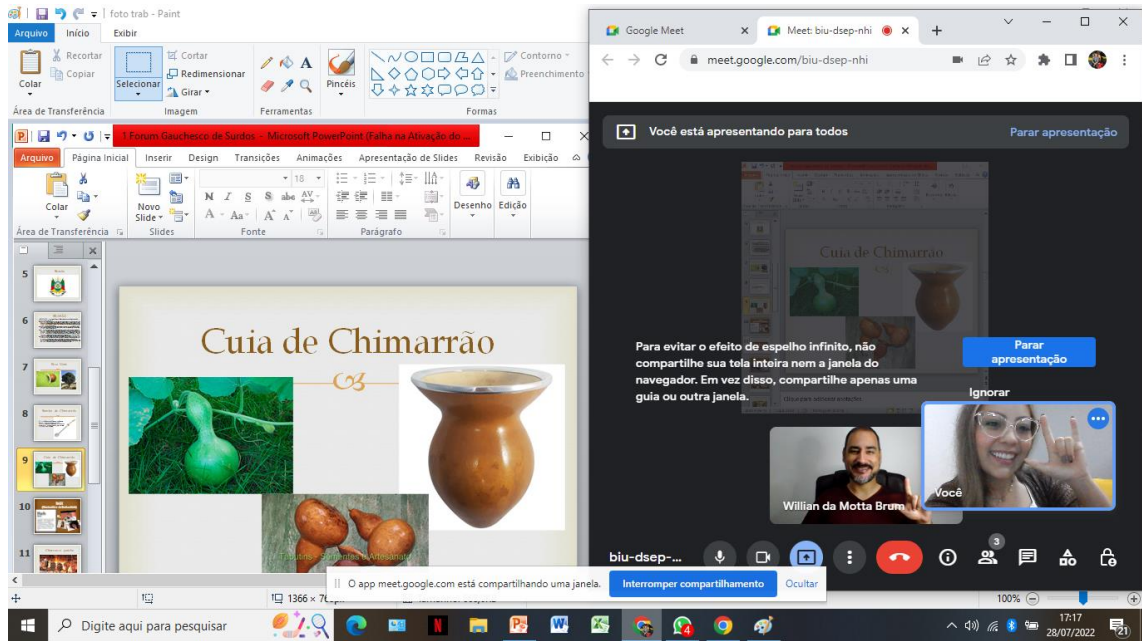
Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Gráficos 2 - Composição do Fórum em relação ao público ouvinte e surdo.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Imagem 4 - Registro da última reunião para construção e organização dos slides.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Imagem 5 - Link do convite para o 1º Fórum Gauchesco de Surdos.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Figura 1 - Logo do evento, por Cristian Rafael Grade de Paula.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.²

Figura 2 - Modelo da Lista de Inscrição.

| Fórum Gauchesco de Surdos | | | | |
|--|---------------|-----------------|--------|--------|
|  | | | | |
| Ord | Nome completo | Surdo / Ouvinte | Cidade | E-mail |
| 1 | | | | |
| 2 | | | | |
| 3 | | | | |
| 4 | | | | |
| 5 | | | | |
| 6 | | | | |



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

² Como mencionado no texto, a logo do evento foi produzida por Cristian Rafael Grade de Paula, designer gráfico da cidade de Ijuí/RS.

3.3. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DA CRIAÇÃO DO PRODUTO

A construção do produto dessa dissertação também recebeu um longo processo de investimentos. A primeira meta foi construir o Termo de Cessão de Uso de Imagem, conforme a Figura 3.

Figura 3 - Modelo do Termo de Cessão de Uso de Imagem.

| | | |
|---|---|---|
|  | 1º FÓRUM GAUCHESCO DE SURDOS 42ª COXILHA NATIVISTA CRUZ ALTA/RS |  |
| TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ, GESTO E DEPOIMENTO | | |
| <p>DECLARO estar ciente que assinando esse termo CONCEDO a utilização dos meus dados como: imagem, voz, gesto e depoimento, que se façam necessárias para enriquecer o 1º FORUM GAUCHESCO DE SURDOS.</p> <p>Todo material produzido neste Fórum será usado como parte da construção da dissertação de mestrado: A POLÍTICA NACIONAL DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ARTEFATO DIGITAL COMO PRÁTICA DE INOVAÇÃO NA GESTÃO DA AULA AOS PROFISSIONAIS DE LIBRAS DO IFFAR. A referida pesquisa tem como objetivo central investigar sobre as Políticas Públicas voltadas a Educação Inclusiva e a criação de um artefato (Glossário Farroupilha de Libras) para contribuir com a construção e fortalecimento da identidade surda. A pesquisa em nível de mestrado é realizada pela mestranda Bibianna Ferrão Cordero e orientada pela Profa Dra Lorena Marquezan da universidade Federal de Santa Maria (UFSM).</p> <p>Através do presente CONCORDO com que os pesquisadores acima citados poderão utilizar os dados do meu depoimento fornecidos sem quaisquer ônus financeiros na elaboração dos recursos que reverberarão da pesquisa citada. CONCORDO ainda que os dados por mim informados possam ser utilizados em todo território nacional e exterior nos instrumentos que resultarão da pesquisa como artigos, livros e demais recursos sem receber qualquer ônus financeiro por eles e assim CONCEDIDA A TÍTULO GRATUITO.</p> <p>Os resultados da pesquisa serão divulgados em meios eletrônicos e presenciais promovendo a toda comunidade participante a possibilidade de conhecer as produções advindas desse estudo. As pesquisadoras se colocam a disposição para esclarecer quaisquer dúvidas restantes no e-mail: 1forumgauchescosurdos@gmail.com.</p> | | |

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Ainda, fruto do movimento organizado pelo Fórum, ocorreram alguns convites para participar de eventos de divulgação, podemos vislumbrar nas Imagens 6, 7, 8 e 9.

Imagem 6 – Divulgação nas mídias digitais- Rádio Cruz Alta.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Imagem 7 - A imprensa RBS TV cobrindo o evento: 1º Fórum Gauchesco de Surdos.



Imagem 8 – Entrevista da autora do trabalho para RBSTV.



³ Entrevista concedida ao Jornal do Almoço, produzido pela RBSTV, emissora associada a Rede Globo, disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10810532/?s=0s>

Imagem 9 - Jornal Pampa News da Universidade do Pampa (Unipampa), apoiando e divulgando o Fórum pelas redes sociais da universidade.

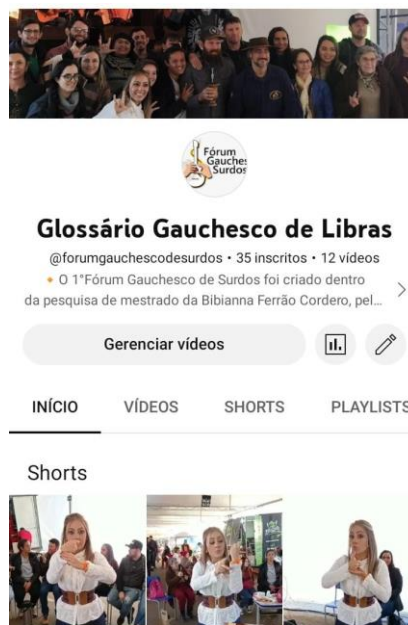


I Fórum Gauchesco de Surdos em Cruz Alta debate novos sinais da Libras

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.⁴

Como citado anteriormente, foi criado um canal no *YouTube*, para divulgação do evento, podemos visualizar a descrição na Figura 4.

Figura 4 - Glossário Gauchesco de Libras.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

⁴ Reportagem veiculada no *Webtelejornal* – Pampa News, vinculado a Universidade Federal do Pampa (Unipampa) na cidade de São Borja/RS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lgARDQtBVa4>

Abaixo temos a descrição disponível no canal do *YouTube*:

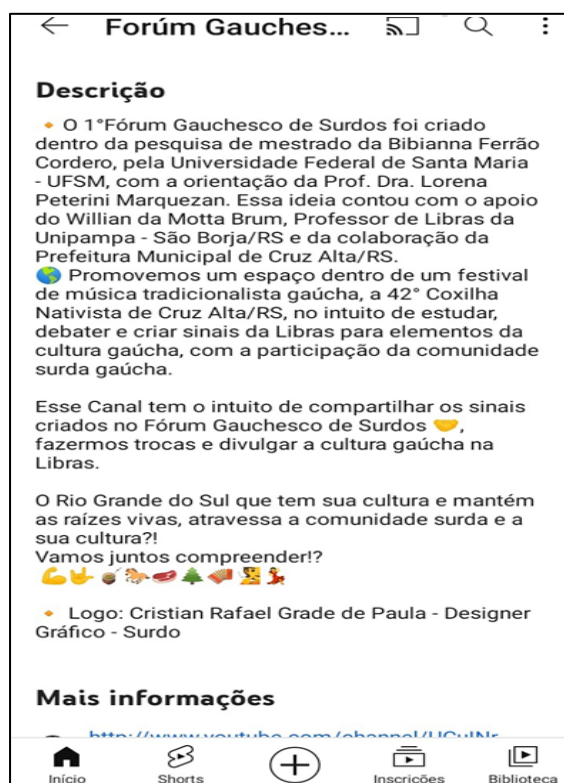
O 1º Fórum Gauchesco de Surdos foi criado dentro da pesquisa de mestrado da Bibianna Ferrão Cordero, pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, com a orientação da Prof. Dra. Lorena Peterini Marquezan. Essa ideia contou com o apoio do Willian da Motta Brum, Professor de Libras da Unipampa - São Borja/RS e da colaboração da Prefeitura Municipal de Cruz Alta/RS. Promovemos um espaço dentro de um festival de música tradicionalista gaúcha, a 42º Coxilha Nativista de Cruz Alta/RS, no intuito de estudar, debater e criar sinais da Libras para elementos da cultura gaúcha, com a participação da comunidade surda gaúcha.

Esse Canal tem o intuito de compartilhar os sinais criados no Fórum Gauchesco de Surdos, fazermos trocas e divulgar a cultura gaúcha na Libras. O Rio Grande do Sul que tem sua cultura e mantém as raízes vivas, atravessa a comunidade surda e a sua cultura?! Vamos juntos compreender!?

Logo: Cristian Rafael Grade de Paula - Designer Gráfico – Surdo

Na Figura 5, observamos a descrição, acima citada, diretamente no espaço do canal do *YouTube*.

Figura 5 - Descrição canal do *YouTube*



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Assim, a partir do dia 30 de julho, iniciou-se a construção, a muitas mãos, dos sinais da cultura gaúcha. A realização do Fórum representou a materialização do produto proposto por essa dissertação, bem como, de atender uma demanda social e cultural das pessoas surdas, de ter acesso através da Libras, das peculiaridades da cultura regional gaúcha.

A construção de sinais novos dentro da linguagem gaúcha foi bem importante para a comunidade surda, não só de Cruz Alta, mas também de outras localidades que participaram. Para essa construção, os participantes se sentaram em posição de *u*, a pesquisadora, acompanhada pelo professor William, levaram os slides impressos para mostrar, visto que não tinham disponibilidade de colocá-los em projeção. E assim, um por um foram mostrando, debatendo, discutindo o significado da palavra, da imagem, da forma que é utilizada na Língua oral, com isso, aos poucos, os significados começaram a ser construídos.

A cada palavra, mostrava-se imagens e significados juntos, deixava-se um tempo livre para que debatessem aquele sinal, até que todos os participantes estivessem de acordo, o sinal era, então, oficializado. Por poucas vezes, aconteceu de ficarem divididos em dois sinais, para resolver a situação, era realizada uma votação. Para verificar se todos conseguiam reproduzir o sinal com facilidade, eram realizados testes. E assim, íamos avaliando.

Como não existia a Língua de Sinais para a cultura gaúcha foi-se debatendo ao longo da tarde e criando estes novos sinais com a colaboração de todos da comunidade surda ali presentes. Portanto, podemos considerar que a produção foi coletiva, construtiva e democrática. É possível dizermos também que foi uma atividade transdisciplinar: com a Libras, cultura gaúcha, valores, ética e a Cultura Surda. Então, sim, é possível construirmos coletivamente com a participação da comunidade surda, com os termos da cultura gaúcha e, como vimos, responder criar e inovar.

Um fato interessante que aconteceu no dia da realização do Fórum, em 30 de julho, foi o convite feito por uma emissora de televisão que cobria a *42ª Coxilha Nativista de Cruz Alta*, a RBS TV, para gravarmos uma reportagem antes de começar o Fórum. A temática dele despertou interesse na emissora e se realizou uma importante entrevista, com a autora do projeto e o professor Willian.

Na entrevista, Imagem 10, foi destacada a criação dos sinais que representam a cultura gaúcha, bem como, a importância da comunidade surda construir os sinais e, posteriormente, poder se comunicar a partir deles.

Imagem 10 - Gravações da RBS TV antes da abertura do Fórum.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

A comunidade surda presente ao evento relatou que consideraram a realização do Fórum uma experiência ímpar e intitularam como: “um momento histórico na comunidade surda da cidade de Cruz alta” (sic). Por fim, o evento contou com a presença de 33 participantes, em grande maioria surdos, e 3 tradutoras intérpretes de Libras.

3.4. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

As informações construídas junto aos participantes da pesquisa, ou ainda, os sinais da cultura gaúcha que foram criados durante a realização do *1º Fórum Gauchesco de Surdos*, passaram a compor os conteúdos de uma plataforma digital do *YouTube*. Na referida plataforma, foi criado um canal intitulado *1º Fórum Gauchesco de Surdos*⁵.

Até o dia 15 de novembro, o sinal criado durante o evento com maior número

⁵ O canal pode ser encontrado no seguinte endereço: <https://youtube.com/channel/UCuINr-1DpGItdFfi9ZCFf5A>.

de visualizações, foi o da bombacha. Nos comentários dos vídeos no *YouTube*, pessoas ouvintes, que não tem contato com nenhuma pessoa da comunidade surda, dizendo: “O sinal do dito gaúcho “bah” gaúcho para nós ouvintes, já pegou, irei usar” (sic).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os sinais criados durante a realização do Fórum foram: arroz carreteiro, cuia, churrasco campeiro gaúcho, lagartear no sol, galpão, jujo marcela/macela (chá), expressão *bah*, bombacha, peão e prenda, sal grosso, como pode ser conferido a seguir.

A construção destes novos sinais foi coletiva, realizada em parceria com a pesquisadora, o professor e os demais participantes do evento que faziam parte da comunidade surda. Para que pudéssemos realizar a dinâmica de elaboração destes sinais, seguimos os seguintes passos: todos os participantes se sentaram agrupados em posição de “U”; visto que não havia disponibilidade de projetar slides, as imagens foram levadas impressas; as mesmas foram mostradas, uma a uma, juntamente de seu significado para cada participante; permitia-se um tempo para que debatêssemos a imagem, o significado, a utilização na Língua oral.

Quando todos os participantes concordavam com o sinal construído, ele era oficializado para uso. Poucos foram os sinais em que houve alguma divisão de ideias sobre a criação e quando aconteceu foi decidido por votação qual sinal seria oficializado. Foram realizados testes para compreender a facilidade de reprodução do sinal, para ver se todos conseguiam reproduzir o sinal com facilidade.

A produção foi coletiva, construtiva e democrática. É possível dizer que foi uma atividade transdisciplinar: com a Libras, cultura gaúcha, valores, ética e a Cultura Surda.

Corroboramos com Vygotsky (1992) que a mediação simbólica, a linguagem e o papel fundamental do outro social na constituição do ser psicológico são fatores universais. O processo de internalização de formas culturalmente dadas de funcionamento psicológicos depende das mediações socioculturais.

A Língua de Sinais tem sua estrutura com base nos parâmetros manuais. São eles: 1 – A configuração da mão; 2 – Ponto ou local de articulação; 3 – O movimento; 4 – Orientação/localização/direcionalidade; 5 – Expressão facial e/ou corporal. A

configuração do sinal foi feita com base na tabela de configuração de mão disposto na Figura 6:

Figura 6 – Configurações de mãos.



Fonte: Por Sinal, 2022.⁶

O primeiro sinal criado foi de carreteiro. O carreteiro é uma receita tipicamente gaúcha, surgiu ainda na época do império, com os carreteiros, transportadores de cargas que atravessavam o sul do Brasil em carretas puxadas por bois. Durante as longas viagens, era necessária uma alimentação que fosse simples e com ingredientes que tivessem boa conservação. Assim, surgiu o arroz de carreteiro que tem sua origem nas viagens solitárias desses sujeitos. Ele, inicialmente, era preparado em uma panela de ferro com charque picado e arroz. Um prato simples e que está atravessado pela cultura gaúcha. O arroz de carreteiro, hoje, pode ser chamado, muitas vezes, apenas de carreteiro, é um prato ainda muito usado pelo povo gaúcho e demais regiões do país. Apesar de, atualmente, ter algumas versões feitas com

⁶ Figura retirada do site Por Sinal. Disponível em: <https://www.lsbvideo.com.br>. Acesso em dezembro de 2022.

carne bovina fresca, picada ou moída, linguiça e sobras de churrasco o prato, ainda, remete fortemente as tradições gaúchas.

Configuração do sinal de Carreiroiro: uma mão em configuração de mão CM 1 e a outra CM 44, movimentos circular para frente e para trás igual a mexer panela.

Imagem 11 – Sinal de carreiroiro.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

O segundo sinal criado foi de marcela/macela. Ela é uma planta medicinal e em 2002 foi considerada uma planta símbolo do RS. No estado, ela é tradicionalmente coletada em grande escala durante a Semana Santa. Por ser considerada uma planta símbolo, é tradicionalmente encontrada nos lares gaúchos e diante disso muito utilizada na medicina popular.

Configuração do sinal: Marcela/Macela: Uma mão em configuração de mão 51 e a outra faz movimento por cima dos três dedos em CM 59, com expressão facial de “cheio”.

Imagem 12 – Sinal de Marcela/Macela.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

O terceiro sinal construído foi o de bombacha. Ela é uma peça de roupa, calças típicas inicialmente exclusivas para homens, abotoadas no tornozelo, usada pelos gaúchos. O nome foi adotado do termo espanhol *bombacho*, que significa “calças largas”. Essa indumentária gaúcha tem na origem a mistura das vestes indígenas com as do colonizador europeu, principalmente o ibérico. Amplamente utilizada pelos gaúchos ainda atualmente, principalmente nas participações em eventos típicos, atualmente ela tem várias apresentações inclusive a versão feminina. A bombacha compõe a pilcha, que é uma expressão de tradição, cultura e identidade gaúcha. A pilcha ainda é considerada o traje de honra do Rio Grande do Sul.

Configuração do sinal Bombacha: braço de apoio para cima, mão em configuração de mão 23 fazendo o movimento de cima para baixo, 2 vezes (relacionando com as duas pernas da bombacha). Com ponto de articulação no pulso e no Curvelo.

Imagem 13 – Sinal de Bombacha.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

O quarto sinal produzido no Fórum foi o de sal grosso. Importante ingrediente do churrasco gaúcho, o sal grosso é uma tradição do tempo dos tropeiros que saiam do estado transportando diferentes gêneros pelo país. Ele era usado para produção do charque (carne curtida no sal) que garantia a conservação da carne nas viagens. Nos dias atuais, permanece a cultura que o bom churrasco gaúcho é aquele que preserva a tradição da boa carne e sal grosso, como únicos ingredientes.

Configuração do sinal Sal Grosso: uma mão na configuração de mão 1 e a outra na CM 36 e com movimentos sincronizados que remetem às palavras de duro e sal em Libras.

Imagem 14 – Sinal de Sal Grosso.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

O quinto sinal criado foi o de peão e prenda. Essas expressões são representações do homem e da mulher gaúcha. No movimento de tradições gaúchas, as expressões são pares da cultura principalmente nas danças típicas. Cada um deles possui uma indumentária típica, sendo que, a da prenda consiste em um vestido (ou saia e blusa), com ou sem casaquinho, cuja barra alcança o peito do pé. O modelo da saia varia de acordo com a idade e estrutura física da prenda. A do peão inclui botas, bombacha, guaiaca (com ou sem faixa), camisa, colete, casaco ou jaqueta e lenço.

Configuração do sinal de Peão: As mãos em ficam na configuração de mão 23 e realizando movimentos de cima para baixo. A localização das mãos é na altura do peito.

Configuração do sinal de Prenda: configuração de mão inicia em 7 e com movimentação abrindo para trás chegando com a CM 57. A localização das mãos é na altura da cintura, simulando o formato do vestido com armação. A expressão facial remete à cheio.

Imagem 15 – Sinal de Prenda.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

O sexto sinal criado foi o de galpão. O galpão é um importante local para os gaúchos. A lida campeira sempre precisa desse espaço, tanto para ser local de organização das ferramentas do campo, quanto para armazenamento da colheita e de alimentos para os animais. O galpão característico do Rio Grande do Sul é uma construção rústica, de regular tamanho, em geral de madeira bruta e parte de terra batida. Alguns galpões ainda podem preparar refeições e pratos como *cuca* e *chimia* (doce gaúcho). Outros mantêm um fogo de chão sempre aceso. Ele é local de abrigo e aconchego à *peonada* ou a qualquer tropeiro ou gaudério que dele necessite.

Configuração do sinal Galpão: parecido com o sinal de casa em Libras, mas uma mão em configuração de mão 52, como o sinal de madeira em Libras, e a outra em CM 9 girando duas vezes como laçador.

Imagem 16 – Sinal de Galpão.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

O sétimo sinal construído com as pessoas surdas foi o da expressão “*lagartear no sol*”. Essa expressão típica da cultura gaúcha representa o ato de sentar-se ao sol nos dias de baixas temperaturas para amenizar o frio. O Rio Grande do Sul é um estado que tem inverno rigoroso e com temperaturas por vezes inferiores a 0°C. Dessa forma, a necessidade de se aquecer é motivo para “*lagartear no sol*” e representa também um momento de descanso.

Configuração do sinal da expressão “Lagartear no Sol”: o braço de apoio em configuração de mão 36 para baixo, com mão em CM 61 girando até encontrar a mão do braço de apoio.

Imagem 17 – Sinal de Lagartear no sol.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

O oitavo sinal construído é de outra expressão típica da cultura gaúcha “bah”. Essa expressão gaúcha pode significar, entre outros, tristeza, espanto, mal-estar, alívio, surpresa, dúvida etc. Inicialmente, a expressão “bah” era usada como expressão reduzida de: “*mas que barbaridade!*”. Assim, muitas vezes, o uso era acompanhado com as duas formas, ou ainda: “*Bah, mas que barbaridade!*”. Atualmente, ela pode ser usada sozinha ou com muitas conotações.

Configuração do sinal da expressão “Bah”: configuração de mão 26 com ponto de articulação na altura da boca e movimento igual o sinal de ‘como?’ da Libras, mas descendo a mão ao mesmo tempo junto com expressão.

Imagem 18 – Sinal de Bah.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

O sinal de cuia foi o nono sinal criado no evento. A cuia é um instrumento usado para fazer chimarrão gaúcho que é composto por uma cuia, uma bomba, a erva-mate e a água quente. A cuia serve para servir o chimarrão, que é uma das mais conceituadas marcas da cultura gaúcha. É uma bebida coletiva, uma vez que, é um hábito relacional que é compartilhado em forma de ritual. A origem da cuia remonta dos povos indígenas que tomavam um líquido feito a partir de erva-mate macerada, misturada em água quente dentro de um pequeno porongo. Eles utilizavam ainda um canudo feito de uma base trançada para filtrar e tomar a bebida.

Configuração do sinal Cuia: configuração de mão 2 parada e a outra mão em CM 58, fazendo movimento de onda de cima para baixo.

Imagem 19 – Sinal de Cuia.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

O sinal de churrasco foi o décimo sinal produzido no Fórum. Esse talvez seja uma das maiores marcas culturais do povo do gaúcho. Apesar de ser conhecido e usado por diferentes estados e países, no Rio Grande do Sul, ele encontra um lugar de reconhecimento e de prática. É quase um ritual de encontro. É democrático porque agrega e aceita todos em volta do fogo. Desde os primórdios as pessoas se reúnem em volta do fogo para comemorar, discutir, resolver, promover ações, entre outros. No estado o churrasco possui uma data comemorativa criada por lei estadual em 2003, sendo o dia 24 de abril a data destinada à sua comemoração. Tal data também é dedicada à Língua Brasileira de Sinais (Libras)

Configuração do sinal Churrasco: configuração de mão 39 para baixo e a outra faz movimento de cortar a carne em CM 56.

Imagem 20 – Sinal de churrasco campeiro gaúcho.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

O sinal de Coxilha Nativista representa o décimo primeiro sinal criado no Fórum. Por coxilha se entende um aclave ou declive em uma colina, estrada em subida ou descida, uma rampa, entre outros. A *Coxilha Nativista de Cruz Alta/RS* é um dos maiores e mais tradicionais festivais de música nativista do sul do país. Porém para além da música ele é cenário de cultura, de arte, de história, indumentária, nativismo e pertencimento à cultura gaúcha.

Configuração do sinal Coxilha Nativista: uma mão em configuração de mão 29 e a outra em CM 58 fazendo movimento de dedilhar um instrumento de corda. O ponto de articulação é na altura da boca, fazendo alusão ao sinal de chimarrão.

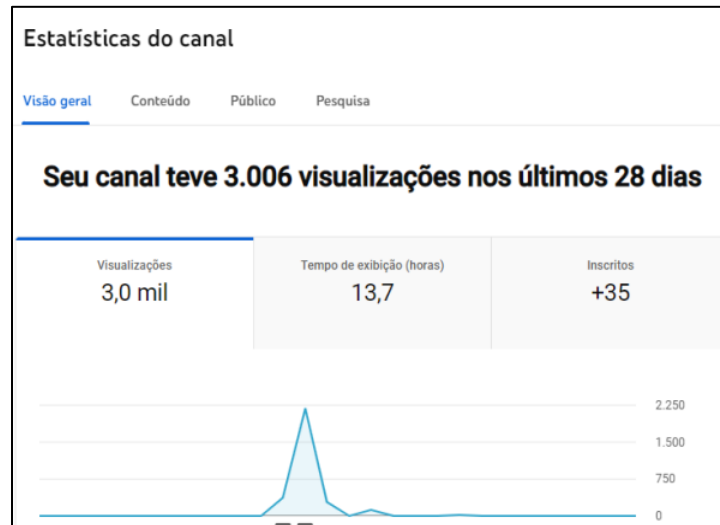
Imagem 21 – Sinal de Coxilha Nativista.



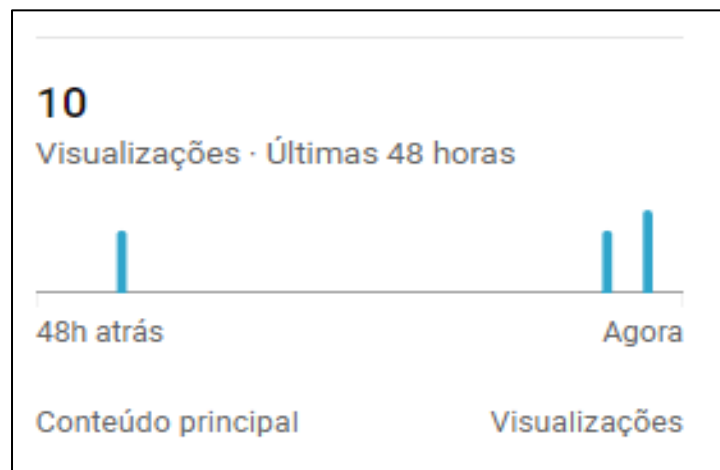
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Os sinais foram criados em um ambiente de muita união e pertencimento. A comunidade surda que compareceu, em número bem significativo, mostrou-se interessada em construir os sinais da cultura que pertencem. O evento chamou atenção dos demais participantes que faziam questão de receber informações sobre o que estava sendo feito naquele espaço. Os relatos dos participantes sobre a importância de vivenciar a construção dos sinais da cultura gaúcha foram uníssonos.

Com relação ao canal, em seu tempo de criação, já vem tendo expressiva participação. Nos primeiros 28 dias, ocorreram 3.006 visualizações. Nos gráficos abaixo, percebe-se que o canal no mês de novembro de 2022 teve 3 mil visualizações e no dia 17 de novembro de 2022, último dia conferido, foram 10 visualizações no dia.

Gráfico 3 - Visualizações no canal do *YouTube*.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Gráfico 4 - Visualizações no canal do *YouTube*.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Com relação aos comentários dos inscritos no canal e participantes do Fórum, segue uma amostra abaixo:

Figura 7 - Comentários dos inscritos no canal.

The image shows a screenshot of three YouTube comments from subscribers. Each comment includes the user's profile picture, name, and the time since posted. The first comment is from @djessicaamaraldornelles4299, posted 2 weeks ago, with the text 'Amei esse sinal! Eu participar FGS' and a thumbs-up emoji. It has one reply and three reaction buttons: 'Sucesso!', 'Boa sorte', and 'Que ótimo!'. The second comment is from @bibianaferraocordero9041, also 2 weeks ago, with three thumbs-up emojis. The third comment is from @tiagodalri21, 2 weeks ago, with the text 'Sinal é BAH! Falou legal' and a smiley face and heart emoji. It has no replies. Each comment also features a small video thumbnail and a link to the video.

@djessicaamaraldornelles4299 • há 2 semanas (editado)
Amei esse sinal! Eu participar FGS 🙌
RESPONDER 1 resposta ^ 👍 1 💬 🍷
Sucesso! Boa sorte Que ótimo!

@bibianaferraocordero9041 • há 2 semanas
👍👍👍
RESPONDER 👍 💬 ❤️

@tiagodalri21 • há 2 semanas
Sinal é BAH! Falou legal 😊❤️
RESPONDER 0 respostas ▾ 👍 💬 ❤️

Coxilha - Festival Nativista em Libras

"Bah!" em Libras (expressão gaúcha)

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somos sujeitos culturalmente inacabados e, dessa forma, desejosos de ampliarmos o compartilhamento de saberes e fazeres inclusivos, principalmente da Língua de Sinais (Libras). Ao refletir sobre a trajetória vivida no percurso do mestrado profissional, o desejo é de continuar estudando, pesquisando, construindo artefatos, artigos, pois a garantia do pertencimento a uma cultura faz parte da construção identitária dos sujeitos.

Concorda-se com Vygotsky quando ele refere que o psiquismo humano é desenvolvido histórico e socialmente por meio da apropriação da cultura. O sujeito se constitui na relação com o outro, uma vez que, é o outro que lhe apresenta e nomeia o mundo e o insere na cultura. Por meio da Língua, ele expressa o pensamento de natureza simbólica, que é fruto do desenvolvimento da sua inteligência. O processo de aprendizagem vai acontecendo mediante à vários processos de desenvolvimento interno num processo contínuo e permanente. Esses processos vão se organizando na interação com os sujeitos. Assim, a capacidade humana, de interagir nos diferentes contextos culturais e históricos, surge a partir da interação que contribui na formação de conhecimentos e o psiquismo humano é desenvolvido histórico e socialmente por meio da apropriação da cultura.

A pessoa surda, da mesma forma que a ouvinte, desenvolve-se dentro de um espaço social. Dessa forma, ela pode tanto se identificar quanto se sentir excluída nesse espaço. Ao compreender a importância da cultura na formação identitária do sujeito, a carga linguística emerge como potência para pensar essa relação, que no caso de pessoas surdas se dá em comunidade.

Neste trabalho, amparado nas dimensões postuladas na tese de doutorado de Josso (2010) com o título *Caminhar para si*, identificamos as dimensões defendidas, por ela, nos processos investigativos – formativos. Aos quais devemos ter uma escuta sensível, pois somos seres individuais/plurais, onde a animação, a facilitação, a informação, a mediação, a reflexão devem permear as realizações práticas. Assim, motivadas por essas dimensões, produzimos o artefato digital: *Glossário Gauchesco de Libras*, voltado às especificidades da linguagem gaúcha, facilitando o desenvolvimento da identidade e da cultura da pessoa surda. Acreditamos que a construção deste artefato pode ser considerado uma prática de inovação para tradução e interpretação de Libras no contexto regional, no estado do

Rio Grande do Sul, como suporte de apoio de tradução e mediações socioculturais.

Devemos ressaltar gratidão aos gestores do município de Cruz Alta – RS, pela abertura, empatia, colaboração e fundamental confiança ao nosso trabalho acadêmico. Gratidão a todos implicados na organização do *1º Fórum Gauchesco de Surdos* no qual foi pensado junto à comunidade surda, uma forma de alargamento da Libras na relação com a cultura gauchesca. Acreditando que o conceito de Cultura Surda deve ser feito a partir de uma concepção multicultural, atravessada pela historicidade e multiplicidade de ações que constroem a identidade, a realização desse trabalho materializado no canal do *YouTube*⁷.

Percebemos que é através cultura que se forma uma comunidade colaborativa, participativa, desenvolvendo o sentimento de pertencimento a ela, que se fortalece a identidade da pessoa. A realização do evento possibilitou a criação do artefato digital: *Glossário Gauchesco de Libras* que poderá vir a ser um instrumento de mediação sociocultural de pertencimento a cultura regional. A Libras é uma língua ampla que ainda não dá conta das especificidades regionais.

A construção de sinais, voltada à cultura regional gaúcha, pela comunidade surda representou, na fala deles, “um momento histórico na comunidade surda da cidade de Cruz alta - RS”, percebemos a potência da participação, da visibilidade, do fortalecimento da identidade surda e da língua de sinais na fala dos próprios participantes. Mobilizamos a comunidade como um todo, pois todos colaboraram como elemento integrador na construção da identidade, da cultura do sujeito surdo, uma vez que, ele precisa do universo cultural e linguístico da pessoa surda como fator de construção da identidade, da cidadania que estão presentes na Constituição Federal, de 1988, e demais Políticas Públicas inclusivas e emergentes.

Diante disso, conclui-se que os objetivos propostos foram alcançados, assim como a inquietação, as dúvidas referentes a possibilidade da participação da comunidade surda na produção da materialidade do artefato digital: *Glossário Gauchesco de Libras* foi significativo e potencialmente inovador, caracterizando-se como o produto final da presente dissertação de Mestrado em Políticas Públicas e Gestão Educacional.

⁷ Link para acesso ao produto desta dissertação: Canal do 1º Fórum Gauchesco de Surdos, disponível em <https://www.youtube.com/@forumgauchescodesurdos/featured>.

REFERÊNCIAS

BEYER, H. O. **Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Mediação, 2005. 128 p.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

_____. Lei nº 10.432. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências**, de 24 abril de 2002. Presidência da República. Brasília, DF, 2002.

_____. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF, jan. 2008.

_____. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. **Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**. Brasília, 2010.

_____. **Plano Nacional de Educação (PNE)**. 2014-2024 [recurso eletrônico]: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo Técnico: Censo da Educação Básica 2017** [recurso eletrônico]. – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2019. 56 p. : il.

_____. Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm; acesso em: dezembro de 2022.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica 2020** : resumo técnico [recurso eletrônico] – Brasília : Inep, 2021. 70 p. : il.

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GESSER, Audrei. **Um olho no professor surdo e outro na caneta: ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais / Audrei Gesser**. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceito em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

GIORDANI, Liliane. **Cadernos de Educação**. FaE/PPGE/UFPel. Pelotas [36]: 91-106, maio/ago. 2010. Disponível em:

<<http://www2.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n36/04.pdf>>. Acesso em: maio de 2022.

GOMES, Anie Pereira Goularte. **Condições de existência do sujeito surdo: os efeitos discursivos de língua, cultura e comunidade nos modos de vida contemporânea**. Tese de Doutorado em Educação. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2020.

GONTIJO, F. V. Documentação pedagógica como instrumento de reflexão e produção docente na educação infantil. **Revista Paidéia**. Belo Horizonte, Ano 8, n 10, p. 119-134, jan/jun 2011.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional de saúde: 2019: ciclos da vida**. IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE; 2020. 139p.

JOSSO, M. C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCS, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Trad. Maria Nóvoa. - 2ª Ed.- Natal, RN: EDUFRRN, 2014.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. // **A Educação Especial no Brasil: da exclusão à inclusão escolar**.// Disponível em: <<http://www.pedagogiaaopedaletra.com/posts/a-educacao-especial-no-brasil-daexclusao-a-inclusao-escolar/>>. Acesso em: 24 out 2022.

MARCON, Fernanda. O primeiro lugar vai para...: por uma abordagem antropológica sobre festivais de música e gêneros musicais. **Antropologia em primeira mão**. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC / Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2011

MARQUES, H. C. R.; BARROCO, S. M. S; SILVA, T. S. A. O ensino da Língua Brasileira de Sinais na educação infantil para crianças ouvintes e surdas: considerações com base na Psicologia HistóricoCultural. **Revista Brasileira Educação Especial**, v. 19, n (4), p. 503-518, out-dez, 2013.

MARQUEZAN, Lorena Inês Peterine. **Trajetórias e processos formativos na/da docência: memórias e (res)significações**. Santa Maria, 2015. Tese de Doutorado, 388 pg. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade federal de Santa Maria.

MARQUEZAN, Reinoldo ; DALMAZZO, André. Krusser. **Cola atada: Ditos do Sul**. Santa Maria: Editora Palotti, 2021.

MENDES, Eniceia Gonçalves. **Deficiência mental: a construção científica de um conceito e a realidade educacional**. Tese de Doutorado em Psicologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2 ed. São Paulo: Rio de Janeiro: Abrasco, 2005.

MORIN, E. (2000). **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed., São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MOURA, M. C. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter: 2000.

OLIVEN, Ruben. **A Parte e o Todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

PAVÃO, Ana Cláudia Oliveira; PAVÃO, Sílvia Maria de Oliveira (Org). **Estratégias Pedagógicas Inclusivas na Educação Superior**. Santa Maria: Facos UFSM, 2018.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de surdos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC/ SEESP, 2004.

_____. **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara azul, 2006.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma Viagem ao Mundo dos Surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTANA, Ana. Paula.; BERGAMO, Alexandre. **Cultura E Identidade Surdas: Encruzilhada De Lutas Sociais E Teóricas**. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005.

SKLIAR, Carlos, **Educação & exclusão: abordagens sócioantropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

_____. Bilingüismo e biculturalismo: uma análise sobre as narrativas tradicionais na educação dos surdos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 08, p. 44-57, 1998.

_____. A política da educação bilíngue para surdos. In SKLIAR, Carlos (Org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos: processos e projetos pedagógicos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

_____. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez– um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

_____. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** 5.ed. Porto Alegre: Mediação, 2011, p. 70.

_____. **Atualidade da educação bilíngue para surdos: processos e projetos pedagógicos.** 4.ed., Porto Alegre: Mediação, 2013.

STOKOE, William. **Sign language diglossia. Studies in Linguistics.** 1980.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 3. ed. rev.- Florianópolis: Ed. da UFSC, 2015.

UNESCO. **Declaração de Salamanca: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais,** 1994, Salamanca-Espanha. 1994.

VERÍSSIMO, Érico. **O Tempo e o Vento – O Continente.** São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

VERISSIMO, Fabiane da Silva; SILVA Marcela Guimarães; PEREIRA Pothira Alves Intercom – **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação** IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Guarapuava – 29 a 31 de maio de 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo, Martins Fontes, 1996.

_____. **Obras Escogidas V: fundamentos de defectologia.** Madrid: Visor, 1997.

_____. **Psicologia pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Imaginação e criação na infância.** São Paulo: expressão popular, 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – REQUERIMENTO

Requerimento

À Prefeitura Municipal de Cruz Alta/RS

À senhora **Paula Rubin Facco Librelotto** - Prefeita Municipal

Assunto: Solicitação de Apoio ao Projeto de Mestrado

Prezada,

Eu, Bibianna Ferrão Cordero, mestranda do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional (PPPG), estou desenvolvendo a pesquisa de mestrado com Orientação da professora Dra. Lorena Marquezan, de título: ***Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: Artefato Digital como Possibilidade de Desenvolvimento da Identidade e da Cultura da Pessoa Surda.***

Esse trabalho visa criar um glossário de termos gauchescos em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), com o intuito de promover a cultura gaúcha dentro da comunidade surda.

Venho através deste, solicitar o apoio da Prefeitura Municipal, junto da Comissão Organizadora do evento: **42ª Coxilha Nativista de Cruz Alta**, no sentido de incluir na programação do evento um fórum de surdos para desenvolvimento, criação e validação de verbetes da cultura gaúcha junto da comunidade surda, intitulado: **1º Fórum Gauchesco de Surdos.**

Apresento a seguir a programação sugerida, bem como necessidades para realização do fórum:

| | |
|-------------------------------|---|
| Data: | 30/07/2022 |
| Horário: | 14:00hs às 17:00hs |
| Local: | Clube Arranca de Cruz Alta/RS |
| Materiais necessários: | <ul style="list-style-type: none"> - Espaço reservado para cerca de 20 pessoas; - Retroprojektor; - Câmeras de vídeo para registro dos sinais que serão desenvolvidos; - Cadeira para acomodação dos participantes. |

Grata pela atenção, fico à disposição para esclarecimentos que se fizerem necessários.

Cruz Alta, 14 de julho de 2022. Cortesmente,

Bibianna Ferrão Cordero
Educadora Especial / Intérprete de LIBRAS
Mestranda do PPPG da UFSM – Matrícula: 202070065

APÊNDICE B- LISTA DOS PARTICIPANTES DO FÓRUM


Figura B1 – Lista dos Participantes do Fórum.

| 1º FÓRUM GAUCHESCO DE SURDOS 42ª COXILHA NATIVISTA CRUZ ALTA/RS | | |
|---|-----------------|------------------|
| LISTA DE PARTICIPANTES | | |
| Nome | Cidade | Contato |
| FERNANDA CRUZ | CRUZ ALTA | |
| SABRINE DE OLIVEIRA | IBIRUBÁ | (54) 3.3377 2815 |
| RAFAELA ENGELMANN | IBIRUBÁ | (51) 3.3152 2252 |
| PRISCILA B. DE OLIVEIRA DOS SANTOS | IBIRUBÁ | (53) 3.3112 7227 |
| MARILENE S. C. MAIRE | CRUZ ALTA | (55) 3.3337 2122 |
| ANDRE LUIS DA SILVA | ALVORADA | (51) 3.3333 3331 |
| DEBORA TEIXEIRA | CRUZ ALTA | |
| ALINE SOARES | CRUZ ALTA | |
| TIAGO DOS SANTOS DALRI | TRÊS DE MAIO | (55) 3.3311 3333 |
| | CRUZ ALTA | |
| WILLIAN FERNANDES | CRUZ ALTA | |
| RUDINEI LOPES | IJUI | (55) 3.3333 5111 |
| VANESSA SILVA | IJUI | |
| | IJUI | |
| CLEUSA DA SILVA | IJUI | |
| CRISTIAN RAFAEL S. DE PAULA | IJUI | |
| DJESSICA AMARAL DORNELLES | IJUI | |
| ANGELISA GORBEL | SANTA ROSA | |
| ROSEMARE A. O. RIBEIRO | CRUZ ALTA | |
| PAULO | AUGUSTO PESTANA | |
| GIOVANI J. BECKER | PANAMBI | |
| RODRIGO AMARAL WEGNER | PANAMBI | |
| CLAUDIA CAMARGO COUTINHO | CRUZ ALTA | |
| JULIANA P. RODRIGUES | SANTA MARIA | |


Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

APÊNDICE C- TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ, GESTO E DEPOIMENTO

Figura C1 – Termo de cessão de imagem.



1º FÓRUM GAUCHESCO DE SURDOS
42ª COXILHA NATIVISTA
CRUZ ALTA/RS



TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ, GESTO E DEPOIMENTO

DECLARO estar ciente que assinando esse termo CONCEDO a utilização dos meus dados como: imagem, voz, gesto e depoimento, que se façam necessárias para enriquecer o 1º FÓRUM GAUCHESCO DE SURDOS.

Todo material produzido neste Fórum será usado como parte da construção da dissertação de mestrado: **A POLÍTICA NACIONAL DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ARTEFATO DIGITAL COMO PRÁTICA DE INOVAÇÃO NA GESTÃO DA AULA AOS PROFISSIONAIS DE LIBRAS DO IFPAR**. A referida pesquisa tem como objetivo central investigar sobre as Políticas Públicas voltadas a Educação Inclusiva e a criação de um artefato (Glossário Farrupilha de Libras) para contribuir com a construção e fortalecimento da identidade surda. A pesquisa em nível de mestrado é realizada pela mestranda Bibiana Ferrão Cordeiro e orientada pela Profa Dra Lorena Marquezan da universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Através do presente CONCORDO com que os pesquisadores acima citados poderão utilizar os dados do meu depoimento fornecidos sem quaisquer ônus financeiros na elaboração dos recursos que reverberarão da pesquisa citada. CONCORDO ainda que os dados por mim informados possam ser utilizados em todo território nacional e exterior nos instrumentos que resultarão da pesquisa como artigos, livros e demais recursos sem receber qualquer ônus financeiro por eles e assim **CONCEDIDA A TÍTULO GRATUITO**.

Os resultados da pesquisa serão divulgados em meios eletrônicos e presenciais promovendo a toda comunidade participante a possibilidade de conhecer as produções advindas desse estudo. As pesquisadoras se colocam a disposição para esclarecer quaisquer dúvidas restantes no e-mail: 1forumgauchescosurdos@gmail.com.

| NOME DO PARTICIPANTE | CPF | E-MAIL / TELEFONE |
|------------------------|-----|-------------------|
| Fernanda Luzia | 55 | |
| Sabrina de Oliveira | | |
| Rafaela Imagem | | |
| Marcileme de M. Maia | | |
| Rapim de M. Maia | | |
| Adriana de M. Maia | | |
| Luiz de M. Maia | | |
| Waldiana Fernandes | | |
| Janeira Silva | | |
| Luiz de M. Maia | | |
| CLEUSA DA SILVA | | |
| Adriana de M. Maia | | |
| Diana de M. Maia | | |
| Adriana de M. Maia | | |
| Rosemary A. D. Ribeiro | | |
| Paulo Roberto Ribeiro | | |
| Dilson de M. Maia | | |
| Diogo A. Nascimento | | |
| Adair do Nascimento | | |

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Figura C2 – Termo de cessão de imagem.



1º FÓRUM GAUCHESCO DE SURDOS
42ª COXILHA NATIVISTA
CRUZ ALTA/RS



TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ, GESTO E DEPOIMENTO

DECLARO estar ciente que assinando esse termo CONCEDO a utilização dos meus dados como: imagem, voz, gesto e depoimento, que se façam necessárias para enriquecer o 1º FÓRUM GAUCHESCO DE SURDOS.

Todo material produzido neste Fórum será usado como parte da construção da dissertação de mestrado: **A POLÍTICA NACIONAL DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ARTEFATO DIGITAL COMO PRÁTICA DE INOVAÇÃO NA GESTÃO DA AULA AOS PROFISSIONAIS DE LIBRAS DO IFPAR**. A referida pesquisa tem como objetivo central investigar sobre as Políticas Públicas voltadas a Educação Inclusiva e a criação de um artefato [Glossário Farrusilha de Libras] para contribuir com a construção e fortalecimento da identidade surda. A pesquisa em nível de mestrado é realizada pela mestranda Bibiana Ferrão Cordero e orientada pela Profa Dra Lorena Marquesan da universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Através do presente CONCORDO com que os pesquisadores acima citados poderão utilizar os dados do meu depoimento fornecidos sem quaisquer ônus financeiros na elaboração dos recursos que reverberarão da pesquisa citada. CONCORDO ainda que os dados por mim informados possam ser utilizados em todo território nacional e exterior nos instrumentos que resultarão da pesquisa como artigos, livros e demais recursos sem receber qualquer ônus financeiro por eles e assim **CONCEDIDA A TÍTULO GRATUITO**.

Os resultados da pesquisa serão divulgados em meios eletrônicos e presenciais promovendo a toda comunidade participante a possibilidade de conhecer as produções advindas desse estudo. As pesquisadoras se colocam a disposição para esclarecer quaisquer dúvidas restantes no e-mail: 1forumgauchescosurdos@gmail.com.

| NOME DO PARTICIPANTE | CPF | E-MAIL / TELEFONE |
|--------------------------|-----|-------------------|
| Rodrigo Amarel Wegner | | |
| Guilherme Samuel Sanches | | |
| William da Silva Brun | | |
| Jana Lopes | | |
| Kluwiler | | |
| | | |
| | | |
| | | |

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

APÊNDICE D- CERTIFICADO DOS PARTICIPANTES

Figura D1 – Modelo de Certificado dos Participantes.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

APÊNDICE E- SLIDES ORGANIZADOS PELOS ORGANIZADORES DO EVENTO: 1º FÓRUM GAUCHESCO DE SURDOS.

Figura E1 – Slides do Fórum.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.